



flama

ANO VIII ★ N.º 188 ★ 12 DE OUTUBRO DE 1951 ★ 2\$50



ENCERRAMENTO
DO ANO SANTO
DO MUNDO
INTEIRO EM
FÁTIMA

SUA EMINÊNCIA
O SENHOR CAR-
DEAL TEDES-
CHINI, LEGADO
DO SUMO
PONTÍFICE

REVISTA ★ SEMANAL ★ DE ★ ACTUALIDADES



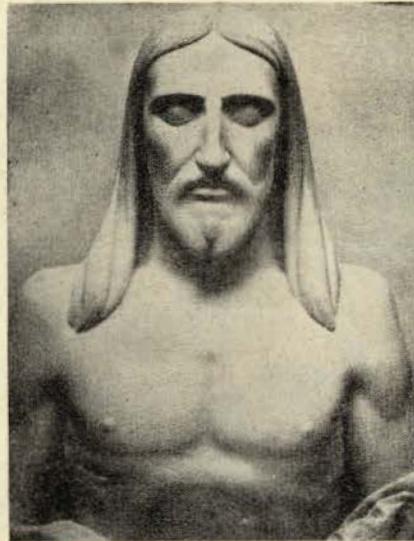
Última foto antes de entrar no convento

SUPERAMENTO ★ DA ARTE ★

FREI CLAUDIO — «o artista
santo» — dá-nos uma arte de ma-
ravilhosa realização do sublime.

Nasceu em 1900, na pequena aldeia de S. Lúzia di Piave (Veneza) e morreu em 15 de Agosto de 1917, em fama de santidade, depois de predizer a sua morte para esse dia.

A sua vocação artística teve começo longínquo neste simples facto: achava-se um dia nas trincheiras, na primeira guerra mundial, quando, em momento de ócio, toma o lápis e papel para escrever uma carta à sua mãe saudosa. Começa a escrever, mas a saudade arranca-lhe uma lágrima que vai cair sobre o papel! Enquanto o sentimento se abrandava, entretém-se a desenhá-lo naquela gota de água: um risco daqui, outro de acolá — oh! (descobre) o perfil dum nariz... depois vem a boca, os olhos... Contempla, mira, renira. Persuade-se de que a arte não é tão difícil como supunha.



«Cristo Mortuo»

Nos acampamentos entretinham-se de quando em vez a plasmar objectos de barro, ou a ampliar fotografias, para amigos que já lhe tinham descoberto o jeito nato para a arte. Um dia, numa ocasião de exercícios, o Capitão passa junto duma tenda sobre a qual estava reproduzido um desenho do jornal «Domenica del Corriere». — Quem desenhou isto? pergunta. — Granzotto, Sr. Capitão. — Onde está esse Granzotto? — E apresentaram-lhe a tímido responsável, a quem o comandante saudou com palavras de parabéns e conforto.

Depois de sair do exército... motorista em Roma, electricista em Nápoles, trabalhador em estações radiotécnicas da Albânia.

E a arte? Põe-se o problema da arte no futuro do jovem: páreco e amigos incitam-na a dedicar-se à pintura. Ricardo Granzotto negava-se, dizendo que não sentia a pintura, mas a escultura.

Foi aproveitando os seus dotes e apresentaram-no finalmente ao Prof. Domingos Rupolo, com um boquetejo a óleo e outro em barro, terminando o rito professor por intuir admiravelmente a alma do artista: este jovem tem mão de escultor.

No outono de 1922 encontra o caminho do futuro, matriculando-se na Academia de Veneza. Logo nos



Frei Cláudio: o Artista santo

primeiros tempos, deram-lhe como tarefa a reprodução do vulto do «Schiavo Morentes» de M. Angelo Buonarroti. Foi tal a perfeição da cópia que a reprodução passou a substituir o original no lugar onde estava exposto, ao mesmo tempo que recelava dos companheiros o epíteto de «novo Miguel Anjelo». Em Julho de 1930, com a máxima classificação obteve o Diploma de Escultor.

Começa verdadeiramente a sua vida de artista.

No concurso para as estátuas de estilo greco-romano, destinadas ao FORO MUSSOLINI, em Roma, em que intervieram os melhores artistas de Itália, veio obter o primeiro lugar o «Jogador de bola» (Giocatore di pallone) do Prof. Rinaldo, o qual não obstante ser ainda ignoto do grande público, vinha impôr-se agora com uma obra prima de classicismo e de expressão, em gesso. Entretanto, a maldade dos homens não deixou que ao triunfo da arte se seguisse o justo prémio a que tinha direito por esta-pulação precia: morre o célebre Mestre Wildt, amigo de Granzotto e presidente dos trabalhos do concurso; os fascistas desdizem-se e, sem de Roma uma contra-ordem a declarar que as estátuas do Foro não deviam inspirar-se em motivos clássicos de estilo-greco-romano, mas no de 900 e que seriam dadas, em vez de concurso, a alguns escultores escolhidos.

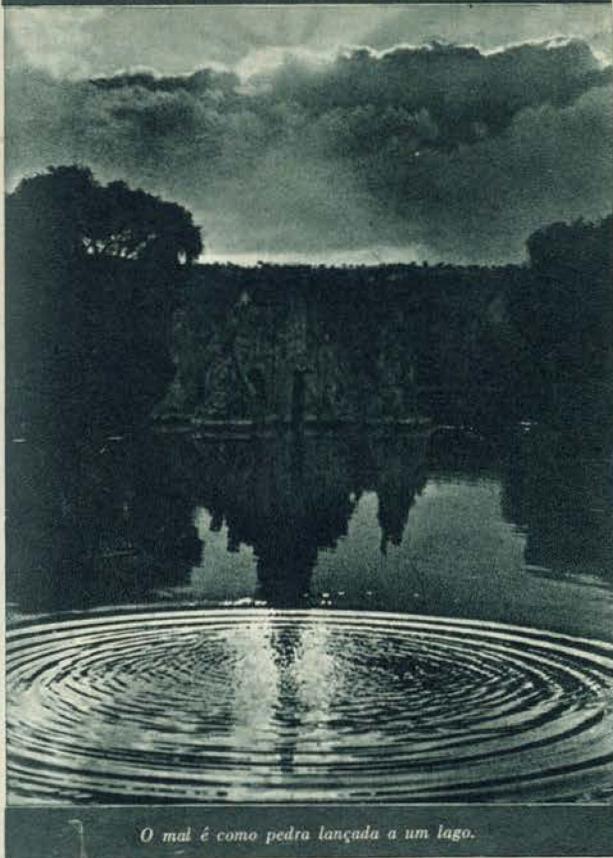
(Continua na página 18)



«Ao chegar à presença de Deus»



Pia de água benta



O mal é como pedra lançada a um lago.

Em reverso de medalha, ouvi um dia o místico Cardeal Cerejeira acrescentar-lhe este comentário:

«Mas quando realizamos o mal, ignoramos até onde chega a onda do nosso mal».

A imagem da onda criou outra na minha imaginação.

É como o lançar de pedra em lago tranquilo. Multiplicam-se os círculos concêntricos e a agitação vai aos limites das margens. Se mais água houvera, o movimento lá chegara.

No bem, como no mal, há solidariedade entre os homens.

É da revelada doutrina do Corpo Místico, que entrou na sabedoria popular — «sofre o justo pelo pecador».

Olho em redor e fico-me estarecido. Chegam-me desabaços, com lágrimas à mistura, de jovens presos a armadilhas da carne, de horrendos adultérios premeditados e queridos pela ciência e conviência dos cônjuges, de inversões arripantes — para não falar no negro e enorme cortejo dos pecados graves e comuns, que à força da multiplicação se tornaram banais.

Se a visão misericordiosa de Deus andasse n'os limites da humana, já de há muito estavam arrasados grandes centros populacionais.

Vejo ensombrado o futuro na aceleração uniforme do plano inclinado em que vivemos.

Não me dá a juventude garantia de melhores dias vindouros. É de sujeição cômoda e sabuja quando olha para os de cima e não de verdadeiro espírito de obediência. É prepotente e caprichosa ao tratar com os mais humildes. É gozadora e infrene; rodeia todos os obstáculos; despreza, ou, o que é pior, encolhe os ombros perante a ordem hierárquica dos valores.

Quando praticamos o mal não sabemos até onde chegam as suas consequência.

Erraram as agulhas, há mais de um século, os nossos avós. É vergonhosa a herança que recebemos e assustador o aumento que lhe demos.

Termina normalmente em catástrofe a ignorância ou desmazelo do agulheiro na manobra.

Não esqueçamos, neste soleníssimo encerramento do Ano Santo em Fátima, que a ameaça terna, mas tremenda, da Senhora, que lá apareceu, paira sobre as nossas cabeças.

Se não fizermos penitência...

PROFESSOR APRENDIZ

A grande ameaça



O seu *à-vontade* de santa e de espanhola, a genial Teresa de Ávila teve um dia, em que falava com Deus, este audacioso desabaço: « — Eu diria que nos ofendíeis, Senhor, quando nos intimidais com o Inferno, se não soubesse que tudo fazeis por Amor.»

Fátima trouxe ao mundo a antiga Mensagem do Evangelho, veio recordar ao Homem verdades sempre novas.

Lá, mostra a Senhora rosto triste aos pastoresinhos e implanta-lhes no fundo da alma a ideia da reparação pelos nossos pecados. E lembrou, em visão tétrica, as penas infernais. Até ameaçou, de maneira amorosa, com terríveis castigos a contumácia dos homens, escolhendo, como símbolo de maldade em empório, a cidade de Lisboa onde vivem e desembarcam «desvairadas gentes».

Fez-se, é certo, penitência mas não sabemos se tanta quanta urgia a agravada misericórdia.

Andamos em tempos de contrastes. Se muitas são as mistrias do homem, imensas e assombrosas notará Deus as gestas nossas de resgate.

Conspicuas se nos afiguram as palavras, que ficaram célebres, de Isabel Leseur: «Quando fazemos o bem, não sabemos todo o bem que fazemos».



Da manobra depende o êxito ou a catástrofe.



Pio XII, o Grande Fascinador das almas, deixa-se arrebatado perante a imagem da Senhora de Fátima.

O VATICANO E FÁTIMA



S vaticínios ou cálculos dos homens não suportavam semelhante alcance — no mesmo dia 13 de Maio de 1917 e sensivelmente à mesma hora era sagrado bispo em Roma Monsenhor Pacelli e aparecia pela primeira vez Nossa Senhora nas alturas desconhecidas de Fátima.

Dobam os tempos e Eugénio Pacelli é eleito Papa e a Mensagem de Fátima atinge o Mundo inteiro.

Os desígnios de Deus uniram Fátima ao Pontificado de Pio XII. A Paz — entre os homens e nas consciências — foi programa saído dos lábios virginais de Maria e das acções gigantescas do Vigário de Cristo actual.

Fátima é a estrela luminosa de Sua Santidade. Criteriosamente, inspiradamente defendeu o Senhor Cardeal Patriarca a tese: Fátima impôs-se à Igreja e não foi a Igreja que impôs Fátima.

Mandava a prudência, de quem vive embrenhado nos arcanos do divino e conhece a fraqueza do juízo humano, deixar de remissa e mesmo ausentar-se temporariamente dos fenómenos operados na Cova da Iria.

A veracidade de Fátima, porém, impôs-se à Detentora da Verdade.

Falou primeiro o Bispo Diocesano, depois todo o Episcopado Português e finalmente o Sumo Pontífice:

«E a Virgem Fidelíssima não confundiu a esperança que n'Ele se depositava. Basto reflectir nestes três últimos decénios, pelas crises atravessadas e pelos benefícios recebidos, equivalentes a séculos; basta abrir os olhos e ver esta Cova da Iria transformada em forte manancial de graças sobe-

runas, de prodígios físicos e muito mais de milagres morais, torrentes que daqui se derramam sobre todo o Portugal e, de lá, rompendo pelas fronteiras, se vão espraiando por toda a Igreja e por todo o Mundo».

Em hora de apoteose, por mão de Seu Legado coroou o Papa a Imagem taumaturga do local das Aparições.

Teimosamente a miopia humana lutou contra a manifestação do Alto. Chegou-se mesmo a inventar que Pio XII tinha a maravilha de Fátima como a maior desilusão de Seu Pontificado.

A réplica contundente do Padre Santo foi esta: realizar-se em Fátima solenemente o encerramento mundial do Ano Santo.

E de novo o Papa veio até Fátima por meio de Seu Legado, o Eminentíssimo Cardeal Tedeschini.

Com o espírito inundado de prazer assistimos a várias audiências pontificias durante o Ano Santo em Roma, na gigantesca basílica de S. Pedro. Sabendo o Papa da presença de portugueses, saudou-os sempre com especial ternura, não esquecendo a citação de filhos da Nação privilegiada onde apareceu Nossa Senhora de Fátima.

A manifestação espiritual de Fátima impôs-se à Igreja e prendeu a atenção do Mundo Universo.

A figura providencial de Eugénio Pacelli arrebatou o Colégio Cardinalício e surgiu o Vigário de Cristo.

Pio XII e Fátima ficarão bem juntos na História.

Os desígnios de Deus tornaram em manhã ridente de strelua aquela célebre manhã de 13 de Maio de 1917.

Data imortal e santíssima é esta, nos Anais da Igreja Católica.

HORAS DE FÉ E DE ASSOMBRO

Escreveu Paulo Claudel: Fátima é uma explosão.

Chego à cova do Milagre ao fim da tarde. Horas depois, os lumes das velas são tantos, que quase se não distinguem. Formam uma espécie de superfície radiante à flor da terra calcada por milhares de pés e de joelhos — carne penitente que não protesta contra nada, que se magoa e fere sem uma queixa.

A Cova da Iria é agora uma fornalha. O vento sacode as labaredas, irrequietas como bandeiras diáfanas em mãos de crianças.

Perde-se a noção de penumbra, naquele recinto incendiado. Apenas ao longe se entrevêm alguns cabeços vagos, numa imobilidade de espectros que dormem ou contemplan. Mas ninguém atende às distâncias. Ali tudo é perto. O próprio céu espiritual parece uma presença física. Toca-se no Sobrenatural. E o silêncio nocturno é como a sombra nocturna. Não existe. A hora é de rezar. Reza-se. A hora é de cantar. Canta-se. Canta-se e reza-se ininterruptamente, porque nenhuma força é capaz de fazer parar o movimento das almas sofredoras e orantes.

A própria carcassa branca da basilica é, na noite assombrosa, uma sintonia de pedra. Os ponteiros negros do relógio, não importa que teimem em marcar, nos mostradores iluminados, o ritmo do tempo. É a eternidade que manda. A eternidade e o infinito. Noite dilatada e sussurrante, noite de humildade e de fé; ninguém reconhece nela senão o refúgio dulcíssimo da Esperança, essa virgem immaculada, de túnica sempre pura, que atravessa inelutavelmente todas as redes de arame faspado, de todos os campos de concentração, e ressurge vitoriosa de todas as ruínas. Di-lo o heroísmo inquebrantável dos milhares de corações que formam um só coração na Cova da Iria. Di-lo a dor que não desespera no peito de nenhum peregrino. E aos meus olhos espantados diante dum dos mais dominadores espectáculos da nossa história religiosa de todos os séculos, di-lo a torre do templo votivo de Fátima, com os seus 64 metros de altura culminados pela cruz luminosa. A cruz abre os braços num grande gesto de bênção. É uma cruz de glória que corta o espaço como uma espada de fogo. Fincada em oito toneladas de bronze, é o SINAL MAIS (+), como diria Manuel de Llanos, traçado a giz esplendoroso no quadro preto do firmamento.

Sobre os instintos desencadeados duma sociedade que perdeu os rumos do Evangelho e se precipitou em catástrofe sem igual nos fastos da tragédia humana, afirma os prerrogativas da inteligência fiel à Verdade. Sobre a confusão das trevas inferiores, onde fermentam tantos ódios e paixões de lodo, afirma a pureza dos divinos clarões que atravessam as consciências e as transfiguram. É dela que desce a harmonia. É só dela que vem a paz. Cruz de sangue no Calvário, redimiu. Cruz de luz na Cova da Iria, absolve e reconforta. O planalto à roda, vasto e verde, é todo ele um Tabor em êxtase. As oliveiras meditam. E há árvores floridas que são açafrões de moivado. A natureza é religiosa e adora.

*

No lusco-fusco da manhã, a Cova da Iria vai-se animando sob os primeiros alvares. Ac longe da noite dolorosa, orvalhada de prantos agradecidos e abrasada de preces, são muitos os milhares de peregrinos que não resistem fisicamente às violências da fadiga. Exaustos como soldados ao fim das marchas forçadas, enrodilham-se e colam-se ao chão nu e agreste. O espirito não cede, mas a carne é fraca e sucumbe nos esgotamentos inventíveis: Cada pedra vale uma travessera. Cada canto é uma cama e cada automóvel é um dormitório. Morfeu, todavia, não é em Fátima o deus dos paganismos corrompidos, mas apenas uma lei da natureza com poderosas fatalidades a que por vezes se não foge. Depois, a imensa massa anónima do povo, que é, naquela parada de epopeia, o mais heróico testemunho das virtudes ancestrais e permanentes da Raça, não tem o hábito dos repousos preventivos. O primeiro momento da largada para as alturas predestinadas da Serra de Aize foi o último dos seus trabalhos no campo. Trabalhos

bem suados e rezados nos hor-tos promissores, nas leivas ras-gadas a ferro, nas claras searas exigentes de cuidados sem fim, nos sacrifícios quotidianos da vida patriarcal, feita de humil-da-de e resignação, de confiança nas energias telúricas, buscadas até ao mistério das raízes, e de confiança ainda maior nos amparos da Providência, que não desprende os olhos dos que se dão o bem comum e é a infalível Companhia de todos os que sofrem.

Maravilhoso fenómeno de transumância, este que se verifica na Cova da Iria, terra de patores e que deixa a perder de vista as antigas deslocações humanas, de noite a sul do país, através de atalhos e montanhas, sem outros sinais de orientação que não fossem as estrelas de Deus.

Sob os primeiros alvares, a Cova vai-se animando no lusco-fusco da manhã. Por detrás do movimento extraordinário que recomeça, adivinham-se revoadas de sonhos em ascensão para além das nuvens. Porque não há ninguém que vá a Fátima e não leve um sonho para oferecer a Nossa Senhora. Ela tem um regaço onde cabe o universo inteiro. Inquietações, angústias, confidências íntimas, íntimos silêncios, dramas de alma ou de família, que nunca se confessaram a ninguém — tudo se aaira como coroas de espinhos para o regaço da Virgem, na inabalável esperança de que Ela faça o milagre de transformá-las, por maternal misericórdia, em coroas de rosas.

Quando a aurora desponta e inunda os cumes mais auzades da serra, já se encontram de joelhos filas intermináveis de peregrinos. Estão recolhidos, piedosamente ensimesmados. Os olhos não olham para fora. E as mãos apertam-se no peito, numa expressão de fé que nada perturba.

É a comunhão geral da Humanidade, do Corpo Místico. Fátima não se explica sem a comunhão. Por maior que seja o número de pecadores, dos que não conhecem a posse da carne, do sangue, da alma e da divindade de Cristo, há-de ser sempre dominado pela torrente dos corações purificados nas águas sacramentais.

São esses os corações-cavaleiros que vão à frente e dão sentido à Grande Romagem. São eles que ressuscitam a pureza ardente do passado e garantem a salvação do futuro. Eles é que chamam pela Santidade. Quem comunga em Fátima não são apenas os portugueses que estão em Fátima. São os conquistadores do Ideal Cristão do Orbe inteiro. É Portugal de todos os tempos e de todo o mundo e o triste Mundo do nosso tempo.

*

Há depois, as procissões da Virgem, da Capela do Hospital para a Basilica e da Basilica para a Capela do Hospital. Quando a imagem passa, saodem-se milhares de lenços brancos tantos deles já ensopados em lágrimas. E cada lenço é uma prece, um segredo, uma angústia, ou uma grande alegria fervorosamente agradecida. É, sobremaneira, uma saude.

*

A Bênção dos Doentes é outra cerimónia substancial. É a dor que se prosta e soluça e grita.

A Hóstia da Custódia é o Sol que paira sobre o sofrimento humano. Momento patético, para salmos de David ou tercetos de Dante. Chora-se, com os dedos trementes agarrados à cabeça ou ogivados em prece violenta.

É isto Fátima, que já não é um bocado agreste da terra portuguesa, mas altar do mundo. De todo o mundo!

Fátima é uma explosão: — disse bem Claudel.

MOREIRA DAS NEVES

PREÇÁRIO DA FLAMA (Pagamento adiantado) — Continente e Ilhas — Assinatura anual, 120\$00; semestral, 60\$00; trimestral, 30\$00; número avulso, 2\$50.
Ultramar, Espanha e Brasil — Ass. anual, 150\$00; semestral, 75\$00; número avulso, 3\$00. Outros Países — Ass. anual, 200\$00; número avulso, 4\$00.
Mudança de endereço, 1\$00.

UMA PROCISSÃO DAS VELAS NO ATLÂNTICO

A noite passada, 12-13 de Maio, uma noite clara, enluarada por vezes, em que rolavam no céu nuvens precursoras de bonança, subimos ao convés, tranquilo, depois que as matraca anunciaram o render do quarto da meia-noite às quatro horas da manhã.

Os homens de vigia, silenciosos, encostados aos «dorys» empilhados ou à amura da ré, dir-se-iam estátuas, ou, melhor, figuras mecânicas que só balançavam à cadência do «rolo» do navio. O «homem do leme», olhando fixamente a agulha, mantinha-se tão perfeitamente identificado com a roda, que melhor não estariam se fossem uma só peça. O rumo era Oés-noroeste franco, porque os ventos ponteiros obrigavam a navegar à bolina.

A cadência dos homens de quarto harmonizava-se com o ranger do barco, monótono e igual, sincronizado com o bater da vaga, de mansinho, de encontro ao costado.

O oceano tinha aquele movimento cansado de quem nunca sossega dia e noite e a fosforescência que nas águas punham, de momento a momento, as réstias do luar.

O piloto, o Manuel Viana, ficara em cima, mesmo depois do quarto, olhando o mar, à ré, para as bandas de Portugal, talvez a recordar-se da mulher e das três filhas, todas a dormir àquela hora na casinha de Ilhavo.

O capitão, de espaço a espaço, dava um curto passeio, batendo forte com os pés no pavimento. O grupo imóvel dos homens de vigia parecia formado de um só homem.

A certa altura quebrou-se, porém, a imobilidade do conjunto. Um deles puxou da lata do tabaco, do papel, e, vagaroso, enrolou um cigarro. Petiscou lume do isqueiro. Brilhou uma chama pequenina, que nem iluminou, sequer, aquele rosto duro, por barbear. Chupou duas fumaças, sumiu o isqueiro pelas profundezas do bolso da samarra. E ficou-se de novo a olhar o movimento eterno das vagas.

Passou tempo. Súbito o vento ponteiro trouxe, das bandas da proa, o som de uma voz que cantava. O capitão parou no passeio e ficou-se a escutar a voz. O oficial piloto deixou de mirar as bandas de Portugal, voltou-se, e «balançando» com o navio pôs-se a escutar. Os homens de quarto mexeram-se todos e apuraram o ouvido a essa voz que cantava, lá para as bandas da proa.

Nós, com um movimento de cabeça interrogámos o pescador mais próximo. Era o Troia, de Buarcos. Respondeu, levando a mão ao boné e descobrindo-se: «Hoje é dia santo, de Nossa Senhora de Fátima. A estas horas está muita gente, na Cova da Iria, a rezar por nós».

«Avé, Avé, Avé, Maria!...
Avé, Avé, Avé, Maria!»

Uma forte emoção se apoderou de mim. Recordámo-nos do espectáculo grandioso, único, da procissão das velas, das preces fervorosas de tantos milhares de crentes, depostas aos pés da Virgem e subindo para o céu estrelado.

Ergueu as mãos um dos homens de vigia. E ficou silencioso, de cabeça descoberta, os lábios movendo-se numa prece.

Pensámos ainda em todas as procissões que saíram nesta noite de

Maio, das catedrais e das basílicas e até das humildes capelas das aldeias de Portugal inteiro, com tantos lumes, e cânticos e preces, como de vagas tem o oceano. Em todos os lábios a mesma oração, em todos os cânticos o mesmo hino daquela voz, que vinha das bandas da proa do «Groenlândia»:

«Avé, Avé, Avé, Maria!»

Não seriam também as cristas fosforescentes das vagas outras tantas velas acesas em honra de Nossa Senhora?!

O capitão João Matias foi o primeiro que reagiu, que quebrou aquele elo espiritual que unia as almas portuguesas lá na Pátria e aqui, a muito mais de mil milhas sobre o Atlântico. E disse: — «Se a Senhora da Fátima quiser que a gente volte de saúde, a porto de salvamento, vou lá em Outubro mais o

Viana, uma das filhas dele e as nossas mulheres. Que espectáculo, sr. Simões! Choram os olhos sem querer!...

O Humberto Gerardo, pescador da Nazaré, acrescentou: — «Nossa Senhora de Fátima e a Senhora da Nazaré são as duas santinhas da minha devoção. Muito milagrosas para a gente do mar».

Nós assentimos e concordámos com ele. Para que havíamos de contrariar a fé ingénua, pura, deste pescador? Para que explicar que as «duas santinhas» são a mesma e uma só? Deixei-o dizer e concorei com ele.

Baixei, depois, do convés iluminado pelos raios do luar e pelos reflexos fosforescentes das vagas — velas de Fátima! — cada vez mais cansadas.

Rondara o vento para quadrante favorável. O «Groenlândia» virou de bordo e aprou a noroeste. Ficámos a meditar por largo tempo em como a Virgem do Rosário é fé, guia e esperança de tantos portugueses.

Imagens de Nossa Senhora ilustram com a sua doce expressão todo o navio. Desde o camarote do comandante aos exiguos beliches do rancho da proa, ela reina como Rainha dos céus e da Terra. Não falta à cabeceira do pescador, do motorista de bordo, do jornalista.

O imediato contou-nos a odisseia dum parente, mestre dum vapor de pesca de arrasto, descrente e ateu toda a vida, que viu o navio submerso, a estremecer todo, a afundar-se, perdido, sob as vagas monstruosas que levantou o trágico ciclone de 15 de Fevereiro, próximo da Barra de Lisboa. Salvo do perigo, correu logo, depois do desembarque, a rezar à Igreja de Fátima. Desde então ficou católico, verdadeiramente crente, como todos os bons mareantes.

A ideia de Nossa Senhora de Fátima dominou todo este dia no «Groenlândia». Até o contra-mestre, terminando a palamenta do seu «dory» baptizou-o com esse doce nome, por indicação minha, que ele, aliás, sublinhou já há muito ser ideia sua. Em certo momento, medida a diferença de horas, o capitão notou: — «Está a realizar-se agora, na Cova da Iria, a bênção dos enfermos».

Tivemos a visão desse momento em que um Prelado, com o SS. desce a escadaria da Basílica, traçando sobre a multidão em êstaxe o sinal da Cruz.



Jorge Simões escreveu em "OS GRANDES TRABALHADORES DO MAR," ★ Jorge Rosa ilustrou

A FLAMA em imagens sonoras

O programa «Rádio Flama» entrou em nova fase de trabalhos. Enfileirando com os melhores programas da novel Rádio Restauração como «Policlínica Musical» de Marques Vidal, «Caleidoscópica» de Julieta Fernandes, «A Ponta do Capote» de Cância Mendes e Saraiva Mendes e de tantos outros, o «Rádio Flama» que os nossos camaradas Robl Duarte e Neves da Sousa começaram agora a coordenar, apresenta-se com novas rubricas de interesse, além da habitual condensação radiotónica das principais esunças que a nossa revista publica semanalmente. Utilizando o «eslogão» **LEIA NA FLAMA O QUE NÃO OUVI AQUI E OUVI AQUI O QUE NÃO LEI NA FLAMA**, este programa lançou agora como locutora a artista Maria José Valério e mensalmente inclui «5 minutos femininos» da autoria de Maria do Castro. Na equipa técnica possui os nomes de Costa Pereira como montador e Heliador Pires no registo de som, além de Marques Vidal que colabora na locução.

A propósito, informamos os nossos leitores e ouvintes do Rádio Restauração, que aquele posto emissor está remodelando o seu programa-tipo e no próximo número contamos poder informar os resultados dessa transformação com as rubricas o apresentar e as respectivas horas em que as mesmas são transmitidas.

ELA... E AS OUTRAS

Reaparece na próxima 6.ª feira, 12, às 20 horas, através de Rádio Peninsular, a apreciada produção de Milena Salvador «Ela... e as outras!» uma página feminina, que recomendamos gostosamente às nossas leitoras.

A canção que...



ROLINHA (BAIÃO)

Olha a rolinha
Sinhá... Sinhá...
Se embarçou
Sinhá... Sinhá... Bis
Caiu no laço
Sinhá... Sinhá...
Laço de amor...

Eu queria ser a rola
A rolinha do meu bem
Para andar de deus em deus
Na palma da tua mão,
O meu canário amarelo
E o meu lindo cutié
Deixaram a pobre coitada
No mato piando só.

...CANTA

EU NÃO SEI QUE TENHO EM MOURA...

... que de Moura me estou lembrando ao escrever esta ligeira crónica do que foi a inolvidável excursão ao coração do Alentejo. Ficam-me os olhos brilhantes de alegria, recordando os dols magníficos espectáculos que a «Flama», sob a égide de N.ª S.ª do Monte Carmo, patrocinou e ofereceu àquela vila.

Como sempre, acorreram à chamada nomes dos mais brilhantes do nosso meio artístico. Lá estiveram Reinaldo Alves, rei do balão e soberano do samba, que rendeu Moura ao seu inegável valor; Abílio Heriander, o talentoso intérprete de «El Taberner», uma criação genial que é cúspide de seu magnífico talento; Maria José Valério, jovem estreia cujo brilho dia a dia vai acentuando maior categoria; Lina Maria, a aristocrática do fado, gentilíssima nas suas intervenções; Carlos Jorge e Maria Pazo nomes que nos não cansamos de aplaudir; João Fernandes, radiosa certeza de um valor e aqueles inestimáveis Leite Pereira e Helder Martins — o primeiro brilhante e categorizado na sua locução e o segundo conquistando definitivamente as saporas de triunfador, ele que foi pianista, locutor, ensaiador, director do espectáculo, afinador de pianos... etc...

Isto foi, em ligeira resenha, a tradução da saudade imensa que em Moura deixou a «Embaixada da Flama» e a recordação fraternal dos grandes nomes que nela colaboraram.



Carta Cá...

Maria Alice dos Santos (Vila Real) — Não existe qualquer parentesco entre Amélia Rodrigues e Deolinda Rodrigues.

João Bento de Azevedo (Açores) — Transmitimos o seu pedido a Júlia Barrosa, e a simpática artista decerto lhe responderá.

Carlos Ramos Nazaré (Barcelos) — A canção que solicita entrou na lista. Será atendido muito em breve.

Crisólida de Moraes (Leiria) — Rui Belchior que concorreu ao «Campeonato de Vedetas» parece realmente que é o mesmo que a nossa leitora escuta através de Rádio Ribatejo. Porque não experimenta dirigir-se àquale emissor?

Maria Delfina (Evora) — Veio publicada uma foto com legenda desenvolvida acerca da artista Regina Correia, do E. Nacional, no n.º 170 da nossa revista.

José Joaquim Romalho (Varamanta) — A sua carta seguiu para o artista que mencionava.

Morino de Sousa Bastos (Lisboa) — Francisco José é solteiro. Ricardo Manuel continua no rádio e Deolinda Rodrigues acabou de filmar «Madragoa».

Carmencita Martins (Extremoz) — Bárbara Virginia reside na Rua Sociedade Farmacéutica, 7, em Lisboa.

Margarida Soares Farinha (Lisboa) — Desconhecemos a razão por que Alzira Camargo não tem actuado na A.P.A., mas esta artista está actualmente no registo de «Doqui ninguém me tira» do Avenida.

Maria Antónia Fonseca (Porto) — Reinaldo Alves é solteiro, e quanto às suas actuações na Rádio Brasileira, leia o n.º 183 da «Flama».

...Carta Lá

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS



LISBOA

L. CORPO SANTO, 13

A MORADA do seu ASTRO



Rua Carlos Mardel, 105, 2.º Eq. LISBOA

DIZEM...

QUE Olavo d'Éca Ledl deve regressar à actividade radiotónica na estação oficial...

QUE a APA a partir de Outubro vai apresentar sensacionais modificações...

QUE o actor José Amaro se estraiará como produtor radiotónico.

QUE a locutora da E. N. Armando Marques Ferreira foi contratado para uma estação angolana...

QUE Maria Meneses Santos trabalha actualmente para uma importante organização estrangeira.

REVELAÇÕES



Eis um nome novo da Rádio Portuguesa surgiu aos microfones de Rádio Peninsular e conquistou há pouco uma menção honrosa no concurso de concorrentistas organizado pela F.N.A.T. Possuidora de maviosa voz, interpreta canções populares portuguesas com personalidade e timbre bem vincados.

MARIA ESMERALDA

Teatro

Por ANTAS TEIXEIRA

ALVARO BENAMOR DEU-NOS UMA ENTREVISTA RELÂMPAGO



Alvaro Benamor é dos artistas que mais rapidamente ascendeu a um bom lugar na cena portuguesa. Estudou no final da época de 1929 na peça «Três Ralhas» no palco do Teatro Nacional de D. Maria II e o seu primeiro êxito surgiu logo depois na interpretação de Armstrong da peça «Romance», ao lado de Amélia Rey Colaço.

Aluno da Direção e de Letras, Benamor apaixonou-se pelo Teatro e iniciou tudo pela sua profissão actual, a qual dedica muitas horas de estudo e o melhor do seu entusiasmo.

Trocámos há dias algumas impressões no pequeno camarim do Variedades. Falou-se da sua carreira, da crise do teatro e dos seus projectos, tudo sem jeito de entrevista, como conversa de amigos. No entanto, resolvemos posar para o papel o que lhe ouvimos, agora que sabemos se Alvaro Benamor retomar o seu lugar no D. Maria II, um lugar já antigo e que ele merece sem dúvida nenhuma.

— Adoro a minha profissão. O Teatro a par do muito que se trabalha e das épocas materialmente difíceis, encanta-nos. Creia que traço imenso prazer espiritual — dizem-nos Alvaro Benamor sem esconder o seu entusiasmo.

— Qual o seu maior êxito?

— Bem, isso é uma resposta que compete ao público. Gostei, no entanto, muito dos meus papéis nas peças «Romance», «Pedro ou Jack», «Veio de Ouro», «Águia de duas cabeças», «Dama das Camélias», «Herdeira» e «Sorriso da Gioconda».

— Qual o género de teatro que mais aprecia?

— O teatro poético, sem dúvida. Não gosto do teatro naturalista que, no entanto, tenho tido que interpretar. Na vida, porém, nós não fazemos só aquilo de que gostamos.

— Considera o Cinema inimigo do Teatro?

— São duas artes diferentes. O cinema tem contribuído muito, sem o excesso de pensar e da explicação pela imagem, para o enfraquecimento da imaginação do espectador, além de que se reduz, cada vez mais, a um documento fotografado da vida. O Teatro há-de ser sempre, e felizmente, convenção e mais convenção, poesia e mais poesia. Nele o que vale é o símbolo. O seu âmbito é o maravilhoso.

— Em que países está mais desenvolvido?

— Na Inglaterra e na França, sem dúvida nenhuma. Ali, o Teatro toma-se a sério, não é uma simples brincadeira.

— Digna-se, Benamor, tem ambições?

— Quem as não tem? A maior de todas seria ver o Teatro português a navegar em maré de rosas e que todos os artistas tivessem teatros onde empregassem a sua actividade. Note que falo pela minha colega e não por mim que, como sabe, tenho o meu lugar no Nacional.

— E isso será possível? — Insistimos.

— Só com o auxílio do Estado, tornando fácil a criação de teatros populares a preços muito baratos. É necessário conduzir o povo ao teatro, dando-lhe espectáculos categorizados a preços acessíveis. Uge cultivar o público e acabar com as peças proibitivas. Isso só se consegue com o auxílio do Estado. Sem ele é impossível.

— E Alvaro Benamor prossegue:

— O Nacional é o único teatro com possibilidades de ser uma produção normal durante o ano. Isso é facilitado ainda pela superior e inteligente direcção de Amélia Rey Colaço e de Robles Monteiro.

— Projectos?

— Há anos que pretendemos realizar, durante a época de verão, espectáculos de ar livre para as grandes massas populares, à margem do Teatro burguês e comercializado, um teatro poético e moralizante. Registrar há fontes puras de origem. Para o pórtico da catedral; o auto litúrgico medieval; para o «tróscuo» as moralidades, as farças e o relictivo coral.

As dificuldades materiais, todavia, continuam a impedir a efectivação destes espectáculos. Continuamos a esperar — mas já bastante cépticos — do «empurrão» financeiro que há muito nos foi prometido pelas poderosas superiores...

— Eis o que nos disse Alvaro Benamor, artista de talento que, depois de uma meada de actuação no «Variedades», acaba de voltar a ocupar o seu lugar no valeroso elenco do D. Maria II.

SONHO IRREALIZÁVEL? LUÍS VICENTE E OS NOVOS

Que o Teatro anda pelas ruas da Amargura é inequívoco, embora apareçam aqui e além boas variadas. Não dá para viver nem, infelizmente, para a educação da nossa Gente, para entreter.

Vejo o Cinema e, por fácil e barato, subtitulou-o.

Não que eu deixe de combater a supremacia do cinema sobre o teatro a comigo muitos que pensam.

Perdeu-se o gesto e o cultivo do bom teatro, escola admirável de vida e perene manifestação da arte.

O actor teatral cria e vive o seu papel em todas as representações. Para os espectadores é o artista.

O actor cinematográfico criou e viveu. Para nós foi o artista que, às vezes, até está ao nosso lado a ver-se a si mesmo e a desquestrá-se por não se poder emendar.

O resto é mecânica e ludíbrio a que chamam segredos da 7.ª Arte.

*

Outro dia delima em releo as Obras do Mestre Gil Vicente. E comecei pelo prólogo, todo feito de ternura e piedade filial.

É «desteida ao muito alto e poderoso Rei nosso Senhor Dom Sebastião, o Primeiro do nome, por Luis Vicente» filho do insigne comediógrafo.

Tem sabor e riqueza de alma este escrito do jovem Luis Vicente.

Trabalhou com o pai. Foi das suas peças intérprete. Sentiu e viveu em uníssono com o génio de Mestre Gil. E no dito prólogo rapaz sensato, rea-

lizador do Grel e do Sobezano — da autenticidade.

É conhecedor das glórias alheias e das próprias — tem cultura.

Cumpria fielmente as obrigações de filho — há nele sólida e verdadeira educação.

Nunca palavra! é modelo para a mocidade do nosso tempo.

Luis Vicente é nome cheio de herança e de valla.

*

Há anos pensei (já morro por pensar de mais) em organizar um grupo de novos amantes do Teatro, onde cabiam vocações naturais e das boas cultivadas no Conservatório, desde que houvesse nelas garantias de portugalismo e catolicidade. E são que se todas louvado seja Deus, que me dá força para continuar na mesma mood.

Teria como patrono o titular Luis Vicente, o filho grato e reconhecido do Fundador do Teatro Português.

Pensei, mas nunca realizei, porque temam os que podem em deixar sós os que muitas vezes e sinceramente aspiram a mais e a melhor.

Mas hódia agora confesso (já que trouxe a ideia a público), que tinha a sua graça e utilidade um grupo de honesta juventude a espalhar o bom gosto pelas terras desguarnecidas do são e autêntico teatro, sob a égide dum rapaz nascido de semelhante estirpe.

Luis Vicente é nome que não se me vaze da memória.

JOÃO DIOGO CRESPO



O «AUTO DO JUIZ DA BEIRA» DE GIL VICENTE, INTERPRETADO PELO TEATRO DA MOCIDADE

O TEATRO EM FRANÇA

Lemos há dias num artigo de Marcel Dany publicado em «O Século» que em Paris há nada mais nada menos do que sessenta e um teatros a funcionar, os quais diariamente apresentam espectáculos dos mais variados géneros.

Em França, e em especial na cidade de Lusa, o Teatro atravessa um período de grande efervescência. O articulista diz que Paris, «mulher portuguesa», está de novo apaixonada pelo Teatro e de tal modo que Roussin se viu obrigado a retirar em pleno êxito, com 1.500 representações, a sua peça «Petite Huitte» para ter o prazer de ver subir à cena outro original seu, Lá como cá...

André Villiers, o grande espírito do teatro francês, que deixou tudo pela zona, define assim as tendências do público para o Teatro e para o Cinema: Para o Teatro a sua virtude maior está na presença real do actor; para o Cinema o essencial da sua virtude de atracção consiste no «prestígio poética da ausência».



RENÚNCIA

CONTO DE GIL PEREIRA

Helena preferia renunciar a tudo o que lhe era querido. Por isso, queria a verdade... Não podia suportar a ideia de dor o espectáculo da sua ruína progressiva, lenta e implacável. Se tudo tinha que acabar, então acabaria em beleza, sem deixar um rosto de miséria física, sem deixar a recordação dum detinhor doloroso — oh, infinitamente doloroso!

POR amor de Deus, doutor, peça-lhe que seja franco... Havia lágrimas na voz de Helena; mas o seu tom era firme, decidido. Não receava a verdade, por mais dura que fosse. Era sincera quando rogava ao doutor: franqueza. Sabia-se nua! — e um presentimento advertia-a da sua gravidade; mas tinha planos para o futuro e queria saber se merecia a pena cuidar deles... Havia um mês que uma dor impertinente e aguda lhe picava o peito com insistência. A princípio, supusera uma vulgar neuralgia causada por golpe de ar; depois, caminhando para pior, pensou numa doença pulmonar; agora, porém, que se resolvera a abandonar as dúvidas que a não deixavam sossegar, lera no semblante do médico uma certeza que só faltava colher por palavras.

Lembrava-se do desastre de que fora vítima e do qual rendeu graças por sair sem aleijão... Como conseguira distrair-se?! Descia a Avenida com o seu utilitário, com velocidade um nadinha exagerada. Era domingo. Os sinais de trânsito piscavam as luzes amarelas: acende, apaga... acende, apaga... De repente, viu um carro à sua frente, de través. Mais um décimo de segundo e estaria em cima dele! Pisou furiosamente o travão e o carro estacou como um cavalo diante dum precipício. Bateu fortemente com o peito no volante e desmaiou por via da dor sentida. Acordara num quarto estranho, com altas paredes caiadas de branco e janelas rasgadas para o céu azul, mergulhado em profunda calma, feita de silêncios e quietude... Sentia as pálpebras a baixarem com força sobre os olhos e uma opressão no peito que a afligia. Adormeceu.

Ficou na casa de saúde durante duas semanas. Todos os dias recebia visitas da família, das amigas e do João Manuel. Este trazia-lhe sempre um lindo ramo de cravos encarnados — encarnados de paixão!

Disseram-lhe que o desastre não tivera sérias consequências, devido ao seu sangue-frio e perícia. E isso contentava-a. Afinal, pagara com aquela opressão no peito o custo de algumas vidas. Sim, isso contentava-a.

Viveu quinze dias ali. Ao fim, levaram-na para casa, encheram-lhe a cabeça de conselhos e normas a respeitar e felicitaram-na pelo aspecto novo que readquirira.

Mas porque julgou ela perceber piedade nas vozes dos médicos que lhe assistiram?...

Por uma semana teve a ilusão de força. Esquecera o desastre e as preocupações. E regressara à sua vida anterior e aos projectos que a retenção no leito interrompera.

O João Manuel já a pedira em casamento e este devia realizar-se daí a dois meses. E tanta coisa por tratar! E era o arranjo da casa, a compra das mobílias, a feitura do enxoval, enfim, um rol de coisas, por fazer... O tempo urgia.

Uma tarde foi com o João Manuel ver a casa que os iria acolher. Que linda! Discutiram a colocação dos móveis, como se já os tivessem ali à mão, a distribuí-los pelos quartos vazios... Como se sentira particularmente feliz nessas horas! Mas foi nessa tarde, precisamente, que a dor no peito reapareceu. Falou nela ao João Manuel e este, despreocupadamente, referiu-se a qualquer corrente de ar traiçoeira.

No dia seguinte, porém, a dor aumentou de intensidade. E mais ainda no outro dia.

Nada quis dizer ao João Manuel nem aos pais. Para que apouquentá-los? Se nada fosse de cuidado, escusavam de o saber; se, no entanto, se tratasse...

sabia lá de quê?... — bem, ela veria como melhor proceder.

Ainda retardou dois dias a ida ao médico; mas, ao cabo, viu-se forçada a consultá-lo. Doi-lhe o peito e a alma, por causa do sofrimento e da preocupação constante.

Quando entrou no consultório — o dr. Esteves conhecia-a desde miuda — ia embalada em ilusões e receios, num desencanto que mais ainda a desorientava. Aquela sala que lhe era tão familiar, parecia agora que a via pela primeira vez. Na verdade, jamais lá entrara como doente que necessita de auxílio, mas sempre para visitar o velho amigo dos seus pais e perguntar pela filha Antónia, sua companheira favorita.

Depois, quando ele a atendeu, colocou-se conviticamente no lugar de doente. O dr. Esteves auscultou-a com cuidado, fez-lhe perguntas sobre o desastre (aquele desastre sem consequências sérias...) e terminou o exame com uma ruga de apreensão que não conseguiu disfarçar.

Por momentos, permaneceram calados, cada um para seu lado dando rédeas soltas aos pensamentos.

Aquele curto silêncio mediou-o Helena por longas horas sob uma claridade reveladora. E foi emocionada, mas com firmeza, que suplicou:

— Por amor de Deus, doutor, peça-lhe que seja franco.

— Mas, Helena, essa dor passará...

— Todavia, lia-se a verdade no olhar embaciado do dr. Esteves e à Helena não escapou a piedosa mentira que a ofuscava.

— Meu amigo: sou forte e preciso de saber... Não tenho ilusões... Quanto tempo?

E perante o mutismo do médico, insistiu:

— Um mês?... Mais?...

— Sim, mais...

— Seis meses?...



O dr. Esteves voltou a não responder. Helena compreendeu, enfim, a cruel verdade. Chamou um sorriso aos lábios, levantou-se a custo da cadeira e dirigiu-se cambaleando para a porta de saída, sem um aceno de adeus, sem um gesto de gratidão ou revolta.

A Helena pediu licença aos pais para ir ao estrangeiro com uma amiga, em viagem de recreio...

Adiou o casamento e recusou explicações ao noivo. Todos estranharam e verberaram o seu procedimento — e somente o dr. Esteves a soube compreender.

Num instante, viu desmoronar-se o mundo à sua volta e esfriarem os sentimentos dos entes que lhe eram mais queridos; mas nada podia contra.

No dia da partida, rogou ao dr. Esteves que, depois de tudo acabado, explicasse aos pais e ao João Manuel a razão da sua fuga. Era a sua última preocupação. O resto... bem, o resto seria uma despedida pungente, um adeus aos sonhos lindos que Deus não quisera que se transformassem em realidade... E resignou-se.

Ilustração de
VITOR SILVA

ECOS DA TEMPORADA

GRAMÁTICA PARDA



— Pois, meu caro locutor, trata-se de... «deslises».

— Erros de gramática, não? Mas isso... que importância tem?

— Olhe que são índices! Nesta época de tanto ensino — primário, secundário, universitário — falar e escrever *incorretamente* é índice de ignorância. Num carroceiro, num marçano, num magala... passa. Mas em figura de destaque é desleal; é pior que esquecer a gravata. É um locutor... é um fiasco. Ouvesse por todo esse Portugal de quem e dá-lhe mar. É propaganda que não está no programa. É grave.

Bem insignificante é o comprimento de 3" (três graus) na coluna do termómetro. Mas somados com 37"... são índice de febre até 40" o que é grave. Veja lá o valor do índice.

Com um «ventade» passamos, alguns colegas seus cometem, diariamente, erros — que até admira. Mas a insistência, a reincidência, exasperam.

Não lhe pareça que nesses pontos — tão altos — deveria haver vigilância que chamasse «às armas» pela pureza da língua de Vieira e Camões?

— E terá assim tanta importância esse livreco da Gramática?...

— Se tem! Só quem ignora, em absoluto, os estudos — de línguas e linguagens — elaborados pacientemente através dos séculos, pode julgar que não tem importância.

É o estudo e tratado dos factores da língua e das leis que a regulam (Ribeiro de Vasconcelos).

É a arte de exprimir o pensamento por meio da palavra falada ou escrita, e segundo as regras estabelecidas pela prática legítima ou autorizada (Cândido de Figueiredo).

Art qui enseigne à parler e: à écrire correctement. Il faut distinguer la grammaire Scientifique de la grammaire Pratique (Maurice ENOCH).

Se Mr. Enoch me dá licença... acrescentarei que temos cá uma 3.ª espécie: a *Parda*.

A Gramática parda usada por muitos locutores constitui, para a sanidade da linguagem, um perigo. A saúde não se pega; mas pegam-se determinadas doenças — e esta da «aspetra» é contagiosa a valer.

A Gramática parda pertencem os barbarismos (erros contra a Morfologia) e os solecismos (erros contra a Sintaxe).

Cóisa sem importância no dizer de alguns — bem intencionados, mas muito mal informados — e de sensibilidade embotada para primores, delicadezas e pureza de linguagem.

Vamos a uma pequena amostra que parece insignificante mas é índice de ignorância.

Em todas as gramáticas lá estão os advérbios de modo. Muitos deles são formados com a palavra mente (que se escrevia separada do adjectivo, como ainda se mantém na expressão de *boa-mente*) mas a grafia actual é: *perfeitamente, uniformemente, seguidamente* (equivalentes a: de modo perfeito, de modo uniforme, de modo seguido).

Aos nossos microfones, o SEGUIDAMENTE anda muito fora dos eixos. Temos em português: seguidamente — em seguida — a seguir — agora — imediatamente...

Pois — para tudo e sempre — certos locutores só se governam com o estalado seguidamente.

Ora:
SEGUIDAMENTE equivale a: sem interrupção, sem interpolação, de modo seguido...

EM SEGUIDA e A SEGUIR equivalem a: imediatamente, agora, já...

Perante é asneira difundir aos quatro ventos:

O Sr. Ouvinte vai ouvir seguidamente e sinal horário.

E o Sr. Ouvinte ouve... PIM (ou equivalente). (I)

O Sr. Locutor! Onde está o sinal a ouvir de modo seguido, sem interrupção? Onde a sequência, o seguimento?

Deveria anunciar — para falar *correctamente*:

O Sr. Ouvinte vai ouvir a seguir (ao que acabamos de dizer — agora) o sinal horário.

Claro que — se várias trechos de música são partes de um todo e vão ser transmitidos sem interrupção — é *correctíssimo* dizer:

O Sr. Ouvinte vai ouvir seguidamente: O Andante e o Maestoso e o Allegro Final.

Mas, se não forem parte de coisa nenhuma, só deve empregar-se:

«Em seguida vai ouvir...» — «A seguir vai apreciar...» — «Agora vai ter ocasião de...»

E não o estaladíssimo e monótono: seguidamente, seguidamente, seguidamente — e sempre: seguidamente, seguidamente... Irral!

Dizer: «Vai ouvir seguidamente o disco pedido» só pode significar:

Olhe que não *faremos paragem no meio da transmissão* — vai de *enfada* — palavra de honra que vai...

— Sim senhor! Bem notado!

— Talvez os seus colegas «façam espirito» e até «achem piada» às gramatiquices de certos «maduros».

Fazem lembrar o tipógrafo que tentava em compor: «sociedade» em vez de «sociedade» como estava no original.

Na 1.ª prova o autor (por sinal um srudião, falecido não há muitos anos) corrigiu o para a. Na 2.ª prova tornou a corrigir o para a. O mesmo na 3.ª prova. E foi à tipografia explicar delladamente a diferença entre sociedade sem o e sociedade com o.

O tipógrafo ouviu a explicação — com sorriso malicioso e sorna — e, por fim, saiu-se triunfante com esta:

— O Sr. Doutor desculpe, mas toda a gente sabe que é sociedade que se diz e se escreve.

— A ignorância é muito atrevida.

— Queira Deus não me suceda o mesmo com o seguidamente e o a seguir. Não têm a mesma significação. Não querem dizer o mesmo. Não se equivalem. Não se devem empregar um pelo outro. Não — não — e não. É asneiral!

Mas, se algum locutor é da terça dos:

«Pois é de pau

E bem bonito

E tenho dito»

e «é sociedade que se diz e se escreve»... continui seguidamente, que não paga imposto.

(I) Este PIM anda por aí disfarçado em PING e PINGUE.

Faz parte do trio PIM PAM PUM, tão português e onomatopáico.

Alind não calhou mascarar os três, de PING PANG PUNG ou pior ainda: PINGUE PANGUE PANGUE.

Então é que ficava completa a «pingalhada, pingalheira ou pingalheira» (ou como dava dizer-se) dos onomatopáicos desportivos, tão pingões. Barbarismos da gramática parda.

PERICO DE MORTE

— Já leu o Boletim do Instituto Português de Oncologia — N.º 7 — julho de 1951?

— Sei lá o que isso é. Porquê?

— Porque — só lendo — se acredita o que lá vem.

— E que é que isso me interessa?

— Então você não me disse que pensava em ir à Califórnia visitar um sobrinho que está padre de rito com o negócio de vacas?

— Pois disse. E de aí?

— É que precisa de ter muito cuidado. Vai ver.

— Palavra que não percebo.

— Tenho aqui a cópia na carteira. Espere... Pronto.

Uma enfermeira «leu num jornal um anúncio afirmando que o exame microscópico duma gota de sangue permite um diagnóstico seguro do cancro e convidando o público a enviar ao Dr. Hell... uma lamela de vidro com uma gota de sangue».

— E que mal há nisso?

— Espere pelo resto:

«Seguiu esse conselho... entrou na clínica do Dr. Hell, para ser tratada por meio dum soro secreto que Hell afirmava ter descoberto em 1931. Recebeu uma série de injeções intravenosas dum líquido castanho escuro. Cada injeção provocava uma impressão de frio, seguida rapidamente dum acesso febril».

— Mas, que é que isso interessa?

— Homem, ouça o fim. Sabo o que deu a análise do tal soro secreto do Dr. Hell?... «revelou a presença do colibacilo B e do estreptococo fecal, dois bacilos que se encontram normalmente nas matérias humanas e animais» — que é como quem diz — nos excrementos!

— Que é que me diz? Meteu-lho isso no sangue? E ela morreu?

— Sei lá.

— E essa letra já as pagou na cadeira eléctrica?

— Era um charlatão! E olhe que só nos Estados Unidos calculam em 4.000 os charlatões que exploram os sofrimentos dos cancerosos. E o pior é que «a lei americana é insulciente para a repressão».

— Não me diga tal. É fantástico! E cá não haverá coisa porocida?

— Descanse. Isso... só na América.

— Pois olhe. Eu pensava ir até lá. Mas agora... livral!

— Não é caso para tanto. Quem lhe manda a você meter-se nas mãos de charlatões?

— Sim?... E como é que eles se conhecem?

— Quando lá chegar... pergunte... informe-se bem... tenha muito cuidado... O mais seguro é: não adoecer!

Atastou-se... mas ainda lhe ouvi resmungar, martelando: Malandra-gem... cambadal!





O providencial e venerando Bispo de Leiria e Fátima



A juventude sedenta de Paz recorre à divina medianeira.

Deslumbramento das ALMAS

das visões e tornou o Santuário em forja divina, onde se vão temperar, transformar e deslumbrar milhares de consciências.

Em amorosa simbologia põe à frente os pavilhões dos Hospitais. Ali vão dar todas as chagas do corpo.

Por trás, as enormes alas das Casas de Retiro, «Horto das Oliveiras» onde se sofre o embate de muita paixão ruim, «Tabor» de inauditas transfigurações.

Fátima não tem similares no Mundo todo.

Quem, como eu, por lá tem andado em contacto directo com as almas, sabe das curas radicais que Deus, por intermédio de Maria, lá opera.

Os milagres espirituais da Cova da Iria são maiores e mais assombrosos que os bastos realizados no domínio corporal.

Não há dúvida, ainda agora, que não só nas benditas horas das Aparições, anda por Fátima a Mãe de Deus.

JOSÉ SILVESTRE



A Capelinha das Aparições é agora o centro espiritual do Mundo.



O Hospital é testemunha dos portentosos milagres. A Casa de Retiros da transformação das almas.

A NDA por Fátima a Mãe de Deus. Assim começava eu o artigo que para a «Flama» escrevi no seu primeiro número.

Cada vez me convenço mais de que anda por Fátima a Mãe de Deus, a espalhar belezas sem par.

Operam-se lá curas de corpos e, principalmente, de almas. É foco donde irradia luminosa torrente espiritual que alaga o Mundo.

Sou testemunha de inúmeras mudanças nos caminhos da vida, realizadas em Fátima.

O sagrado recinto é estrada celeste de Damasco.

Sobretudo a juventude sente a fascinação de Fátima, talvez porque de mais sofre as consequências funestas dum passado triste.

O venerando Bispo de Leiria, cujo nome ficará preso ao desenrolar magnífico do caso de Fátima — D. José Alves da Silva — sentiu na própria alma toda a riqueza espiritual



As lutas do espírito e da carne descobrem calma aos pés da Rainha da Juventude.



A

hora em que este número da «Flama» chega às mãos dos queridos Leitores, anda Portugal em alvorço e com ele o Mundo inteiro.

Foi deslumbrante o Congresso da Mensagem de Paz que a Senhora Mãe de Deus veio trazer à Terra. Ouviram-se vozes de todos os povos a clamar o regresso ao Evangelho. Tornou-se parada viva de todas as dignidades.

Andarém «as sete partidas» nillares e milha-

res de pessoas na sofreguidão de chegarem a Fátima, de ali se ajoelharem, de glorificarem em unissono a «Bendita entre todas as mulheres».

Diziam os antigos que todos os caminhos iam ter a Roma.

Hoje o mais directo parte de Fátima.

Na negrura da noite em que a Humanidade quase desespera, vê-se rutilar a Estrela de Fátima e as multidões lá vão para se orientarem na vere-

FÁTIMA ALTAR do MUNDO



Fátima — atração do Mundo!



Os privilegiados videntes de Fátima: Francisco, Lúcia e Jacinta

das de Cristo. De Fátima sai nova «estrada de Santiago» — feita da poalha dourada de imensa luz e imensa beleza espiritual que entram pelo olhos da gente — e segue em linha recta até Roma, aos pés do Representante de Cristo.

Em Fátima descobrem-se as almas a si mesmas e tomam o Norte nos caminhos de Deus.

A Gova da Iria deixou de ser montanha para se tornar desembocadura dos rios, sem conta, das grandezas e misérrias humanas. E estáúrio enorme de todas as mígoas, de todas as desgraças, alegrias e esperanças que ali vão dar em opulentos caudais.

Outrota era agreste e ondulada, agora é espaço dilatado, capaz de receber multidões diversas.

Naquelas alturas ignoradas apareceu a «Senhora vestida de branco» a falar aos pastorinhos. Encontrámos interessante que escolhesse precisamente o coração da Terra Portuguesa. E erguemos lá o altar da Pátria.

Hoje é altar do Mundo, cruzamento do sistema de trajetórias com o rumo do Vaticano.

Por Fátima a Roma — caminho aberto a todos os que sofrem, crêem e esperam.

A esta hora vão cheias as estradas de Portugal.

J. D. CAMPOS



Peregrinos de todos os caminhos



A Virgem passa expulhando o bem.

Em Fátima espiritualizam-se as mãos em assio de Paz



Em visita oficial e solenemente o Presidente da República das Filipinas foi recebido em Madrid pelo Generalíssimo Franco.

O MUNDO DENTRO DA FLAMA



Continuam os discursos e planos sobre a Bomba Atômica. Aqui vemos, preocupados com o terrível assunto, o Secretário da Defesa Americana e as mais altas entidades políticas e militares.



O catolicismo aumenta no Japão. Ultimamente professou, entre as religiosas de Jesus Crucificado, a irmã Maria Amada, sobrinha predilecta do Almirante Yamamoto, figura das mais gradas em todo o Império nipónico.



Os Bombeiros Municipais de Setúbal inauguraram na sede uma imagem do padroeiro dos incêndios, S. Marçal.

SOB O PATROCÍNIO DA "FLAMA"



Na «Noudar» extasiaram-se diante do «canudo» alentejano, carro típico.



Juntaram-se todos em volta de Fr. Diogo Crespo, afim de perpetuarem na fotografia as horas de enlevo passadas naquela vila encantada do Alentejo.



Deambularam pela vila de Moura em «jeep».

VIDA DA SOCIEDADE



FESTA DE BENEFICÊNCIA em MOURA

Mais um festival de beneficência realizou a «Flama» em Moura.

Os artistas, que gentilmente tomaram parte, regressaram cheios de saudade e de ternura pela maneira como foram recebidos.

Na capelinha das Aparições da Cova da Iria realizou o seu enlace a Ex.^{ma} Senhora D. Laura do Carmo Chaves Esteves, filha da Ex.^{ma} Senhora D. Emilia Correia Chaves Esteves e do Sr. Francisco Luis Esteves com o Sr. Dr. Raúl Ribeiro Delgado dos Santos Silva, filho da Ex.^{ma} Senhora D. Maria Ribeiro Delgado Ferreira e Dr. António Ribeiro da Silva que serviram de padrinhos.

A Ex.^{ma} Senhora D. Maria Oliveira Lopes Dias e Dr. António Lopes Dias foram padrinhos da Noiva.

Presidiu ao acto o Rev. Pároco de Benquerença, Álvaro Faria Pereira.

«Flama» deseja ao novo lar mil prosperidades.

ALLAN LADD



Como ele era,

Allan Ladd o popular actor americano cuja popularidade em todo o mundo é considerável aparece aqui em duas fotos, uma arrancada do seu álbum particular e outra tal como ele hoje é. Foi assim Allan Ladd, aos dois anos de idade laurinha, olhos brilhantes e expressão cativante irradiando simpatia. Repetimos agora na outra foto a vejamos o Ladd de hoje, alinda loura e relativamente semelhante, nos feições, do Ladd de ontem. Aqui ficam, entretanto, as duas imagens que a Paramount nos enviou de Hollywood, juntamente com muitas outras que a seu tempo publicaremos.

... e como é



A «Flama» no ALGARVE

É já num dos próximos números que a «Flama» começará a publicar uma série de reportagens feitas pelo nosso enviado especial àquela província. Nessas reportagens serão relatados alguns assuntos de interesse escritos pelo nosso enviado e focada pela objectiva do fotógrafo da «Flama». Entretanto, naquela risonha província, onde a nossa revista conta com milhares de admiradores, o interesse por estes trabalhos é enorme, agora aumentado com as notícias publicadas acerca dos referidos trabalhos. A primeira página desta série será consagrada a Sagres.



TEM A PALAVRA O LEITOR

DOCUMENTÁRIOS PORTUGUESES

Sendo Portugal um país rico em belezas naturais, possuidor de lindos Monumentos que recordam factos históricos; com vilas, cidades e aldeias a que estão ligados nomes célebres e cuja tradição encerra mais da que o comum, pergunta-se: porque não se fazem documentários de cinema sobre essas belezas, essas terras e esses monumentos? Porque não se acompanham as sessões habituais dos cinemas com a apresentação desses documentários, sem dúvida de grande utilidade, mesmo de carácter cultural muito superior a qualquer outro meio, porque o cinema, na opinião bem formada de La Duca, é a única arte capaz de apresentar o Homem ao Homem e isto está mais do que provado.

Nesta altura em que se fala tanto de Turismo e que muito se pretende efectuar neste campo não seria decabida colocar o cinema em primeiro plano dos actividades turísticas em prol da nação, porque só ele e apenas ele, consegue levar a todos os portugueses, espalhados por esse mundo inteiro, desde a mais recôndita povoação do continente negro até aos grandes centros urbanos, o que Portugal tem e o que é.

Além disso dar a conhecer Portugal aos portugueses é uma das missões do cinema.

Sobre este assunto e se a «Flama» o quiser, voltarei a falar.

MARIA EMILIA SARMENTO

CINEMA em MARCHA

o programa da RÁDIO que a nossa secção patrocina

Aos microfones da Rádio Restauração continua a ser transmitido todas as quartas-feiras depois das 18,40 o programa de actualidades cinematográficas «Cinema em Marcha». Patrocinado pela secção de cinema do Flama. «Cinema em Marcha» é gravado pelos serviços técnicos daquele posto emissor sob a direcção do competente profissional Helder Pires. Aos microfones as vozes de Marques Vidal e do produtor do programa uma vivacidade própria do assunto e a montagem, cuidadosamente elaborada por Costa Pereira, também dos serviços efectivos da R. R., conduzem com cada uma das rubricas, sempre escutadas com grande interesse por todos os ouvintes.

Por tudo isto e ainda porque «Cinema em Marcha» apresenta sempre interessantes concursos, entrevistas oportunas e notícias de sensação

AVISO aos consulentes Da secção: EIS A RESPOSTA

A secção «Eis a resposta» só trata de correspondência relacionada com cinema. Todos os leitores que queiram informar-se de qualquer assunto deste género devem dirigir as cartas para 2.º Homem — Redacção da Flama — Lisboa.

Os pedidos de fotografias de artistas portugueses devem ser feitos numa carta dirigida aos próprios e enviada à nossa redacção. Toda a correspondência que nos é dirigida referente a qualquer artista é imediatamente entregue.

EIS A RESPOSTA DADA P.O. 2.º HOMEM

TAL COMO MARIA GORETTI...

O que pode o CINEMA

Uma admiradora do Flama — (Covilhã) — Para escrever directamente ao actor Virgílio Teixeira pode fazê-lo para Calle Marquês Riscal — Residências Riscal — Madrid. O copo com o Virgílio sairá um dia e a Miss Portugal não entrou em «Sonhar é fácil» por dificuldades surgidas. Leonor Maia regressa em breve ao cinema para desempenhar um dos papéis do filme «Uma família inglesa» a realizar por João Mendes. Vê-la o último número do «Flama» e lerá uma entrevista com a Tatá.

Ana Lamas (Porto) — Para obter a foto de Alberto Ribeiro escreva-lhe uma carta e, se quiser, pode enviá-la à redacção do Flama.

Jorge Corvalho (Lisboa) — O endereço que me pede é o seguinte 20th Century Fox — 1401, North Western Avenue, Hollywood Califórnia — U.S.A.

António José Lopes (Angola) — As respostas às perguntas que faz são enérgicas e, por isso, é impossível publicar nesta secção. Aguarde que elas lá irão parar...

Dois algarvios do Praia da Rocha — Como sabem o Rui de Mascarenhas é um artista da rádio e o 2.º homem só responde e dá informações a assuntos de carácter cinematográfico. Tenho muita pena mas paciência...

Manuel Abreu (Lisboa) — Vou informar-me detalhadamente sobre o caso junto das entidades competentes e depois dar-lhe-ei uma resposta. Desculpe o demora mas na minha gaveta há centenas de cartas para responder.

Chega-nos agora uma notícia, por intermédio dum jornal italiano, que não podemos deixar de reproduzir. Refere-se esse texto à influência que o filme «Céu sobre o Pantano» teve numa jovem. Eis a notícia:

«No mês de Fevereiro passado, acabava de assistir a essa fita uma menina de 11 ou 12 anos chamada Ana Bracci. Perguntaram-lhe à saída: «Se tivesses no lugar de Maria Goretti que fazias?» Ela respondeu: «Fazia o mesmo que ela: deixava-me matar».

Daí o poucas dias, foi encontrada morta, com feridas, no fundo dum poço. Vale-se o descobrir que, por defender a sua pureza, fora morto por um rapaz de

maus costumes, depois atirada ao poço. O próprio assassino, depois de ser preso, cantou como as coisas se tinham passado. Ana Bracci foi amantilhada com a trajo da primeira Comunhão. O funeral foi organizado e pago pela Câmara Municipal de Roma. Com mil pessoas assistiram à passagem do cortejo triunfal, a caminho do cemitério. Todas as ruas tinham sido atropetadas de flores pelas mãos da cidade. Foram precisas quinhentas polícias para abrir caminho entre a multidão».

O exemplo da heróica Maria Goretti está assim a dar os seus frutos. E aqui está também o que pode o cinema: para a bem, se é bom, assim como para o mal, se é mau.

Um autógrafa para si

Para a sua colecção aqui fica a assinatura do artista Ava Gardner

flama HUMORISTA

CLÍNICA GERAL

Conto humorístico de Ferreira de Lereira

Espeelho-se rapidamente pela vila a notoriedade do novo doutor que abriu consultório, na véspera, na velha casa solarenga à beira do Tâmega, deixada pelo último médico da terra, há mais de quatro meses. Desde então, o cirurgião mais próximo distava apenas quinze quilómetros de longitude, obrigando os doentes a catenurrer, como podiam, estradas e atalhos, debaixo do sol embrasante ou da chuva impiedosa, a pé a maioria, alguns mais afortunados montando burros esqueléticos e lazarentos, de automóvel alugado os que podiam. Assim, pode calcular-se a satisfação sentida pelo povo daquela vitória pacífica na margem do Tâmega, quando soube que na véspera se fizera ali um novo doutor.

Ninguém o conhecia, ninguém o vira ainda, e todavia já em todos os lares se infiltrava, quente e aceitável, a fama do dr. Leandro, jovem e puro na sua arte. Pelo menos, era isso o que afirmava, há duas dias horas em todos os cantos onde surpia, o Brito oficial de diligências, que titia à boca cheia, coílhacer bem o novo clínico. Na loja mista, no botecum, na rua, à porta desta ou daquela casa, na pequena rosta fronteira à peróquia ou em qualquer parte onde o interpelavam acerca do doutor, o Brito sorria maliciosamente, como orgulhando-se de ser ele o único a conhecer, levava dois dedos ao lóbulo da orelha direita, sacudindo-o, e exclamava, acompanhando esse gesto:

— É daqui, o dr. Leandro, acreditem! Um sábio! É tão novo, imaginem vocês! Conheci-o em Lisboa, onde se formou. É uma grande cabeça, inteligente, isso é que é!

A este alusão, quem não ficava nada satisfeito era o Silva canastreiro, senhor de uma avantajada cabeça quadrangular, cerrada à inteligência como uma porta cerrada à luz do sol ou a uma visita maquiadora...

— E perguntava o Silva canastreiro:
— Ouve cá, ó Brito... e esse doutor, de que doenças trata ele?
— De todas, meu velho... É de clínica geral! — respondia-lhe o outro, piscando o olho e detendo-lhe o castor.

Ora, a verdade é que no dia imediato, bom numero de doentes se encontrava na sala de espera do consultório do novo clínico. Seixante por ter eliminado quinze quilómetros de estufa... A sala era estreita, quadrada, de solho carunchoso mas lavada; dois bancos compridos e algumas cadeiras com fundo de palha, uma mesa redonda, com um enaperrão que devia ter sido bonito quando era novo, um cinzeiro da Vista Alegre, umas revistas ilustradas com imagens da guerra e do sr. Churchill construindo uma parede de titio, um vaso com quevenas em cima de uma coluna, um espelho emoldurado num decrépito bengaleiro, um relógio barulhento e três quadros na parede. E... os primeiros clientes, aguardando, olhando uns para os outros, silenciosos como esfinges...

O sr. Moita major reformado, sentado na cadeira por baixo do relógio, curvava-se sobre ambas as mãos apoiadas na bengala encostada, e observava em silêncio, de olhar morto, um após outro todos os doentes que aguardam a chegada do médico. De vez em quando consultava um grande relógio de bolso, preso à grossa cadeia de ouro.

Sofre do fígado.

A D. Leocádia, respeitável matrona, ocupa metade de um dos bancos compridos e olha impacientemente, ora o rosto vermelho do major, ora os ponteiros do relógio que ficou lopo por cima da cabeça do illustre militar. De três em três minutos suspira, leva a mão à perna fiada e volta a fixar o major e o relógio...

O Silva canastreiro também ali está, com dores nos ouvidos. A sua enorme cabeça despenha-se grotescamente em silhueta na parede caída da sala. Fuma ininterruptamente, sacudindo a cinza do cigarro um terço para o cinzeiro, outro para a mão e o outro para o chão. Escarva com o pé o solho debaixo da cadeira, como um cavalo impaciente...

E noitras cadeiras viam-se a Lóquinhos, a filha do professor, e um casal com três filhos.

De pé, para crescer, está há meia hora, imóvel, encostado à parede, um rapazoto de boné de riscado, na mão, boca no chão e nas narinas. Olha longe para as ilustrações, mas não se atreve a pegá-las... Ninguém sabe do que ele se queira...

A porta abre-se. Todos os olhares se estendem para ela. Ah!... eis que surge o doutor Leandro! Alto, novo, simpático, moreno. Percorre com a vista os rostos desconhecidos dos seus clientes, sorri-lhes depois de cumprimentar e fecha de novo a porta. Na sala fica um rumor de vozes, como se o médico, ao abrir a porta, as abrisse também. Há uma sensação de alívio, como se todos acabassem de se espreguiçar.

Para remediar

— Terá o nosso amigo Barnabé perdido o juízo?

— Não! creio. Porque perguntas isso?

— Não vêm a casa dele toda iluminada em plena dia?

— Eu te explico: Aquilo é para aumentar a conta da electricidade no fim do mês. A mulher de Barnabé regressa amanhã. Ora ele tem-lhe dito nas cartas que nunca sai à noite e que passa todo o tempo em casa a ler. Se ela visse depois a conta da electricidade e pouco mais de zero, como é que o Barnabé explicaria a mentira?



— Senhor Procopio, não viu por aí a minha flecha?

Boa memória

O marido e a mulher tinham-se desentendido. Ela gostava de vida social, de cinema, de teatro e de utilidades. Ele, ao contrário, detestava tudo isso, para dedicar-se inteiramente ao futebol, ao Benfica.

Certo dia, quando as coisas iam mais azedas, ela, num desabafo, diz-lhe:

— Tu és um maçador! Irra, que é de mais! Para ti, no mundo só existe o futebol! Sou capaz de apostar em como já não te lembras do dia do nosso casamento!

— Se me lembral! Foi no dia 17 de Outubro, um domingo, em que o Benfica jogou contra o Sporting e ganhou por 4-1.

Ociosidade

Calino passava pela Avenida em companhia de um amigo. Diz este:

— Parece impossível como estas árvores têm crescido de há um ano para cá!

— Puderam!... Não tem mais nada que fazer...

Instantes depois, o clínico reaparece sorridente, muito sorridente mesmo, e chama ao primeiros. O major ergue-se pesadamente e desaparece, com o doutor, na sala de consulta. Volvido um momento, ambos surpem de novo, pedindo desculpas, muito confusos. O dr. Leandro, cobrado como se saísse do forno, chama ao que se segue, A D. Leocádia levantando-se, tosse espalhafatosamente e acompanha-o. Não são decorridos ainda quatro escassos minutos, ambos reaparecem, ela roncando palavras confusas e forçando um sorriso mal-afetado, ele o doutor, agora bastante pallido, despedindo-se dela. E o terceiro cliente vai à sua presença — o Silva canastreiro. Mas, não tarda um instante que ele, como os outros, sai dali afogado, com um rosto estúpido, e o médico se mostre cada vez mais lutado.

Então, o dr. Leandro, à porta da sala de espera olha com ar assustado para os restantes clientes, cujas expressões avires dizem bem que não estão percebendo nada do que se passa.

O médico está a suor. O seu rosto denuncia grande preocupação. Ao lado dele, está ainda o garoto imóvel como estátua.

— Tu — pergunta-lhe — que vens fazer?

— Tenho um cão doente, sr. doutor!

— Heim?! — grita o médico, sem poder conter-se — Pois tu sabias, rapaz? (E voltando-se para os outros) devo dizer-vos, com franqueza, que foram mal informados. Eu sou, simplesmente, veterinário!

Esposito dos que estavam, e vários outros e outros de admiração. Sorritos. Mais de duas horas perdidas, ali, impacientemente, à espera de um médico que não existia senão a quinze quilómetros de distância.

O casal mais os filhos, e a Lóquinhos, despetidos, indignados, mas sorrindo como se, na verdade, achassem brensa graça ao caso, despedem-se, com forçada e falsa gentileza, do veterinário, enquanto este os acompanha à porta, com mil desculpas. E — vanos lá! — foram mais felizes que os primeiros, que ouviram a pergunta do doutor:

— É deserto o cão ou o cavalo de V. E. que está doente, não é verdade?

O acontecimento foi largamente divulgado nas conversas do povo daquela vitória à beira do Tâmega. Soube-se que o autor da brincadeira fora o Brito oficial de diligências, que assim prepara uma partida de mau sabor ao seu amigo dr. Leandro, convencendo toda a gente de que ele era, na verdade, um illustre médico. O garoto que aparecera lá no consultório era seu filho, que ele enfiara propositadamente para o efeito.

Como deve praticar-se o Toureio De FRENTE ou de PERFIL?

Quase sempre, quando descrevem várias sortes do toureio, os cronistas e tratadistas (nomeadamente os antigos), costumam começar por dizer: «O toureiro deve colocar-se em linha recta com o touro e de frente para ele, etc., etc...».

A isto temos a dizer que nem sempre se deve citar o touro em linha recta e de frente. Muitas vezes, o toureio é mais eficaz e seguro quando o animal é citado obliquamente, pelo chifre contrário, esperando-se assim um cruzamento.

Queremos dizer: Colocar-se de frente, não é o mesmo que tourear de frente, senão vejamos: O toureiro citou a ré de frente a qual acudiu prontamente ao lance, mas, na passagem, aquele teve de virar-se para dar a saída, o mais larga possível, tanto quanto os seus braços lhe permitiram e fim de a ré sair dominada. No caso presente, o toureiro não mudou de terreno mas teve que virar-se, de perfil, para poder aguentar a investida do animal. Não foi, portanto, um passe de frente, porque no centro da sorte o diestro viu-se obrigado a virar-se para acompanhar sempre de frente a viagem do animal.

Já o mesmo não sucede quando o touro é citado de perfil.

De perfil, o toureiro vê chegar o animal à sua jurisdição e passar pela sua frente, sem ter que se mover no centro da sorte para alargar o lance e levá-lo toureado, luzindo-se na quietude, e mandando-o para trás, em vez de o mandar para o lado, como forçosamente terá que acontecer quando o diestro cita de frente e termina a sorte na mesma posição; dará o lance completo em vez do meio lance da outra forma de tourear, e nunca perderá o terreno, bem necessário ao toureiro

para poder mandar e dominar, o que deve ser, em todos os momentos, a sua principal preocupação.

Todas estas explicações desprezíveis referem-se ao toureio de muleta. Mas, para que os nossos leitores possam ver a lógica em que nos baseamos para escrever sobre um assunto no qual quase nenhum crítico português se tem abalado a escrever, talvez com receio de não ser compreendido num tema bastante emaranhado, dir-vos-emos que nem só com a muleta e toureio se deve praticar de perfil mas também com o capote.

Na brega, por exemplo, quando se portia com um touro difícil e se pretende levá-lo a outro sítio, toureando-o a duas mãos, a posição do diestro ao começar será também de perfil, mas em direcção inversa à que lhe seria própria para lancar com quietude e desafogo. Será uma posição parecida à tomada por aquele que toureia com o pico da muleta, a qual facilmente se compreende se se observar que para lancar o toureiro se serve dos braços e para bregar se serve das pernas.

No entanto, nem sempre se deve bregar de perfil, pelo que vamos explicar: Quando o touro pretende levar o bicho a investir ou a tirar-lhe a querença das tabuas ou de qualquer outro ponto da arena, a fim de o mesmo permitir a sorte só poderá fazê-lo se se colocar de frente quer para o ensinar a investir quer para lhe corrigir qualquer tendência.

Neste caso nunca se dá saída ao bicho nem o toureiro a toma porque a investida põe termo à lide.

Joaquim Dionísio

ESPECIAS

Em Alcozar de San Juan estava anunciada uma novillada que não se chegou a realizar por o empresário e os novillos não terem chegado. Segundo consta o ganadeiro queria o dinheiro na acto da entrega...

*

Jesus Córdoba, a figura de maior arte, no México, foi contratado para duas corridas em Lima por 25.000 dólares, ou seja, aproximadamente, na nossa moeda, sessenta e setenta e cinco contos.

*

Carlos Arzuza que foi colhido em Jerez de la Frontera deu por terminada a sua temporada nos «tuecos» espanhóis a não ser que se faça a corrida para o monumento a Arizal a «Moleto».

Carlos deve seguir para o México no fim deste mês, devendo fazer a temporada mexicana.

*

Marciano de Talavera Chico recebeu a alternativa em Talavera, das mãos de António Bienvenida, servindo de testemunha António Ordóñez.

No final da corrida foi sacado em ombros.

*

António dos Santos que fez a sua apresentação em Madrid, dista boas impressões no exigente público da capital espanhola. Pelas suas feições artísticas e valorosas o novillheiro português deu volta ao ruado.

*

Na Ericeira realizou-se uma corrida em que tomaram parte Simão da Valga, Diamantino Vizeu e Rogério Valgado que foram muito aplaudidos.

*

No próximo domingo, em Santarém, teremos João Núncia Parric, António Bienvenida e Diamantino Vizeu, com touros do Dr. Silva.

*

A secção tauromáquica de «Flammas» começou a inserir num dos próximos números uma nova rubrica: o «circulo visto pela imagem», actualizando, deste modo, inúmeros pedidos de leitores, que nos sollicitam, constantemente, definições de passes e de outras terminologias taurinas.

ANEDOTA



— Como te popularizaste tanto no toureio?
— A força de orelhas, amigo...

O NOSSO CORREIO

COSTA PARREIRA: Na verdade não costumamos fazer a crítica de todas as corridas que se realizam no País, circunscrevendo-nos mais à periferia de Lisboa, não temos deixado, todavia, de fazer a resenha de corridas realizadas em Santarém, Vila Franca, Moita, Alcochete, Coruche, Setúbal, Évora de Vazim, etc., tantas estas que estão enclausuradas no sentido corrente do vocabulário «provinciano».

Sobre a sua outra parqu岸ta creia que é com simpatia que vemos o aparecimento de qualquer publicação que tenha idoneidade material e que seja justa e criteriosa nos seus juízos.

“À PONTA DE CAPOTE”

Opus todas as 3.ª feiras pelas 13.45, em Rêdo Restauração, este programa tauromáquico da autoria do Dr. Óscar Mendes, coordenado por Saraya Mendes e com locução de Marques Vidal.

MANOLETISTA: Como dizemos no noticiário desta semana, num dos próximos números da nossa revista começamos a inserir, semanalmente, a rubrica «o toureio visto pela imagem», onde ficará elucidada sobre a nomenclatura dos vários passes.

*

UM ESTUDIOSO (LISBOA) — As obras tauromáquicas que conhecemos com a palavra filosofia são estas: Filosofia de los toros, por Santos López Peláez; Filosofia taurina de Félix Moreno Ardanuy e Manuel Secura del Cid; Filosofia del toro por Torralba, de Damas e Filosofia del toro por Manuel Sanchez del Arco «Giraldis»; Ilustração crítica do A. B. C.

Quêda seja um destes 5 livros aqueles que deseja.

*

A. S. S. (SANTARÉM) — Dou-lhe os meus parabéns pois o senhor ganhou a aposta. Luis Mozzantini toureou a última corrida em Valência, em 27 de Julho de 1904, marcando touros de Pablo Romero e ultrassando com António Fuentes, Ricardo Torres (Bombita) e Rafael «El Gallo».



Marcial Lalanda del Pino nasceu em Vaciamadrid (Madrid) em 20 de Setembro de 1903.

Tomou a alternativa em Sevilha a 28 de Setembro de 1921, das mãos de Juan Belmonte, sendo testemunha Manuel Jimenez Moreno «Chicuelo», no touro «Pichucho» da ganadaria de B. Rafael Surra. A confirmação é feita em Madrid, no dia 7 de Maio de 1922, por Juan Luis de la Rosa no touro «Misticero», do Duque de Vesaqua, estando presente Manuel Granero que foi colhido mortalmente, nesta corrida, pelo touro «Pocapena».

Partenou com seu primo Pablo Lalanda Gallérez, o célebre quartilha dos «afios madrileños».

A Marcial foram concedidas a 1.ª Medalha de Honra do Manrepto dos Toureiros, em 1927; a Cruz de Beneficência, em 1925; o lairo de ouro numa corrida celebrada em Santander, a 2 de Agosto de 1931; e a medalha do Trabalho em 1942.

Nesse mesmo ano, a 19 de Outubro, foi inaugurado um busto de bronze deste matador, no Sanatório dos Toureiros, da autoria do célebre escultor Mariano Balluera.

Em 1942 fez a sua despedida, em Madrid, no dia 18 de Outubro, alterando com Pepe Luis Vázquez a Juan María Pérez Tabernero.

Toureiro primoroso com a capote foi o inventor do vistoso que «mariposa» e de outros lances que a sua inspiração lhe ditava. Era verdadeiramente grande neste tercio.

Bandeirilleiro ideal e consumado executava com primor esta sorte.

Toureiro de personalidade e de domínio, veloz e ágil, bom matador e seguro na sorte suprema, Marcial preencheu com a popularidade justíssima do seu toureio um lugar de destaque na história da tauromáquia.

“ELEJA O SEU ÍDOLO”

Os desportistas continuam na guarda do nosso concurso.

Onde estão os admiradores de António dos Santos, de Segarra, Valgado, Francisco Mendes e dos outros novillheiros portugueses?

Onde estará a crítica ao toureio a cavalo, arte em que somos inigualáveis?

Ramstam-nos o seu cupão, ajudando a triunfar o toureio da sua preferência.

DESPORTOS

NACIONAL DE FUTEBOL

DOS QUATRO FIGURARAM DOIS

JOGOS EM LISBOA

Passos, Travassos e Vasques

Os campeões nacionais, sem actuarem em grande plano, foram superiores em todos os aspectos ao grupo da Costa do Sol, vindo a merecer amplamente a substancial vantagem com que terminaram o desafio. Como, porém, a exibição do Estoril foi modestíssima, salvo no que respeita a algumas magníficas defesas do seu guarda-lua, a superioridade sportingista não chegou para entusiasmar a assistência ou mesmo satisfazer completamente os seus adeptos.

Houve, contudo, durante a primeira parte, alguns esquemas do ataque sportingista bastante interessantes de seguir, à base de desmarcações oportuníssimas, sempre com a bola rente ao solo, a dar ideia do verdadeiro futebol associativo. Mas foi sol de pouca duração, medida em que o resultado já evoluindo, o jogo caía numa toada monótona.

Nos visitados merece especial referência o trabalho de três jogadores, cuja actuação influiu grandemente no desenrolar da partida: Passos, Travassos e Vasques. O defesa central, senhor absoluto do sector à sua guarda, jogou praticamente sem uma falha. Está realmente em magnífica forma.

José Travassos continua um jogador dos pés à cabeça. Foi, de longe, o melhor, avançou em campo, com um golo, o segundo da série, em potente remate disparado a entrada da grande área, excelente de colocação.

Quanto a Vasques, com os seus quatro tentos, a mostrar bom sentido de oportunidade, cumpriu bem a nova missão de avançado-centro. Não queremos igualmente deixar de registar a boa actuação do médio Gervásio, que se nos afigura um médio de largo futuro.

No Estoril Praia apenas Sebastião e Gançaga merecem referência especial.

V. O.

Confusão e desconsolação

Os Belenenses no seu jogo contra o Vitória Varenense fizeram uma péssima exibição. Péssima sobre todos os aspectos técnicos e táticos — numa demonstração prática como não se deve jogar o futebol por equipas que disputam um campeonato da 1.ª Divisão.

Existe, creio, na equipa do Belenenses um complexo que se pode denominar «complexo de Matateu».

Todos — neste todos compreendemos a própria massa associativa — estão firmemente convencidos que está em Matateu a solução de todos os problemas da equipa.

Pesa sobre este jogador, além du-

ma publicidade exagerada, a responsabilidade dos kanelos do Belenenses. Matateu é sem dúvida um bom jogador: três ou quatro dribblings curtos numa jogada característica atestaram, no domingo, a classe do Mocimboano. Mas daí até se julgar que só por si tem de resolver um encontro é pelo menos inconsciência, acima de tudo, se notarmos que este jogador perde 50% das suas possibilidades quando é marcado de perto por um médio estilo «persistentes» que não se atemorize com a habilidade esontante de Matateu. E foi o que sucedeu com Vieira, médio do Vitória, um elemento que teve acção preponderante no jogo.

Anulado Matateu, o poder realizador do Belenenses ficou reduzido a quase zero.

O Vitória foi, assim, ganhando confiança.

Merece destaque a forma inteligente de actuação do compartimento defensivo do Vitória sem atropellos, sem violências, sem perdas de tempo escusadas.

Noinas? No Vitória: Cerqueira, apesar de incerto no despacho, Vieira, muito bem; Rebelo e os defesas laterais cumpridores. A linha avançada teve em Alcino o melhor elemento.

No Belenenses Rebelo esforçadíssimo, Serafim, certo. De Matateu já falámos. Uma nota de censura a Narciso que procura substituir as suas poucas qualidades de futebolista por uma violência que lá começa a tornar-se tristemente cindárias.

© G.

Chuva de tentos...

Naquele piso irregular de Marvila, o Oriental saiu bem batido pelos campeões de Alcântara.

Quando as equipas entraram no terreno, verificou-se que ao Atlético faltavam Ernesto e Martinho, enquanto Almeida não alinhava pelo Oriental. Mesmo assim, o jogo foi agradável de seguir e amenizado pelas alterações do marcador.

França (Oriental) marcou em primeiro lugar. Nove minutos depois os alcantarenses estavam em vencedores folgados: 3-1. E, daí até ao final da pugna, não mais foram seriamente apoqueados, muito embora Vicente, França, Isidoro Leitão (na marcação duma grande penalidade) tivessem oportunidades para reduzirem a desvantagem.

Uma figura brilhou: o jovem Gama que substituiu Ernesto, e que se houve de maneira a conquistar os aplausos dos partidários de ambos os conjuntos. Francamente bem!

Um nome de simpatia para a vontade e entusiasmo pelos na lista pelos orientalistas e para o punhonor e galhardia dos discípulos de Biri.

N. de S.

NA PROVÍNCIA SALIENTAMOS A VITÓRIA DO BENFICA

Dos encontros disputados na Província, o mais importante foi, sem dúvida, o do Estádio Municipal de Colúmbra em que o Benfica, fazendo alarde de maior personalidade, logrou bater a turma da Académica por 3-0. Arsénio, autor dos dois primeiros tentos e colaborador decisivo no 3.º, voltou a dar nas vistas pelo engodo e vontade com que procura atirar à baliza.

O Sporting da Covilhã foi de longa data até Braga e conseguiu um empate precioso... compensação do ponto perdido oito dias antes no

seu próprio reduto frente ao Oriental.

O Barcelense recebeu o Boavista num encontro em que o factor «casa» era de maior importância. A vitória dos visitados foi contudo mais expressiva do que se poderia esperar.

O «derby» nortenho resolveu-se mais uma vez a favor dos «azuis-brancos». O Salgueiros não pôde responder. A bem organizada equipa do F. C. Porto, que este ano se prepara para grandes cometimentos,

O Grupo Desportivo de Sesimbra em Festa

Nem só os grandes nomes do desporto nacional têm as suas festas de homenagem, e ainda bem que assim é, pois nos «segundos planos» vamos encontrar desportistas que, pela sua dedicação e comportamento, bem merecem um aceno de amizade na hora em que se despedem.

Está neste caso Celestino Pereira Coelho, atleta que durante 27 anos deu ao futebol da sua terra todo o calor do seu entusiasmo contribuindo grandemente para a conquista dos triunfos alcançados pelo Grupo Desportivo de Sesimbra — campeão da 1.ª Divisão Distrital da época, finda (Taca Dr. Correia Figueira da Associação de Futebol de Setúbal).

As fotos que ilustram estas linhas mostram o homenageado recebendo lembranças dos seus colegas de equipa, e a categoria de honra do Grupo Desportivo de Sesimbra, constituído pelos seguintes jogadores: Valdemiro, Vieira, Ildio, Santana, Aureo, Baeta, Carlos Santos, Marvies, Ernesto, Muleta, Filipe, Jesus, Miguel, Isidro, Lages, Celestino e Cecílio.



O SUPERAMENTO DA ARTE

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2)

Este louro na arte, quis trazer forte da vida. Recebe o seguinte bilhete: «O modelo que o Sr. apresentou, está à sua disposição nas caves de Carrara. Procure retirá-lo por sua conta e despesa. Os fascistas saudam-no». O partidarismo e a ironia dos homens concretizados nesta atitude, serviram para preparar de perto o seu próximo adeus ao mundo: «Vê-se» diz — que este caminho é falso. Quera mudar e achar o verdadeiro caminho.

Não obstante, a sua produção escultórica foi-se tornando cada vez mais notável, imprimindo-lhe um carácter geralmente sacro, cheio de clareza e simplicidade, como a sua alma.

Além do discutido «Jogador da Bola», a que aludimos, «cheio de profundo espírito de observação», tem:

1) Busto de seu sobrinho *italo Curiale*, trabalhado sem escola alguma e que por si só lhe valeu a entrada na Academia de Belas Artes de Veneza, mesmo sem ter os títulos de estudos necessários.

2) Cópia do «*Chiavio Merentes*» de M. Angelo Buonarroti.

3) «*A alma e a sua vestes*», trabalho de licenciatura e que arrancou de A. Witt a mais profunda admiração.

4) «*O Anjo transformado em demónio*».

5) Modelo em gesso de «*Um Anjo em adoração*», para a Igreja de Salzano.

6) «*Santa Luzia*», para a Igreja da sua terra natal.

7) Busto em mármore para a Princesa da Casa Real da Roménia (acha-se hoje na sala régia de Bucarest) e um medalhão reproduzindo o cardeal Baclieri.

Em 7 de Dezembro de 1933, no auge do seu vício artístico, Prof. Granzotto veste o hábito franciscano no poético convento de S. Francisco do Deserto, em Veneza. Fugiu em busca dos seus amores, que eram

segundo ele «servir a Deus, esculpir o mármore e beneficiar os pobres».

A «quietude religiosa do seu claustro fez-lhe produzir algumas das suas mais imorredouras obras: 1) A «*Gruta de Lourdes*», com artística imagem da Senhora (no convento de Chiampo, em Veneza), de dimensões perfeitamente iguais às de Massabielle, nascida numa fervorosa romagem a Lourdes, onde mediu com o seu coração franciscano, a servir de metro, as exactas dimensões da gruta que reproduziu em Chiampo.

2) Duas máscaras — estudo para uma estátua de Judas, que traduzem a expressão perfeita da raiva e do desespero; 3) «*Santo António moribundo*», onde expressa maravilhosamente o corpo agonizante unido a uma alma que começa já a contrair-se com os esplendores do seu Deus e da eternidade.

4) «*Cristo morto*», na Igreja dos Franciscanos em Vittorio Veneto.

5) Por fim deixou incompleto o seu «*Cristo dolente*», interrompido quando cingia a coroa de espinhos, para não mais a terminar... pois a 15 de Agosto de 1947, como havia predito, depois de uma vida cheia de oração e trabalho, dividida pelos mestres mais humildes (ele que era mestre de arte), ou servindo de esmolador do convento, ou trabalhando da sopa dos pobres, ou lavando os pratos ou então, esculpindo o mármore, entregou a sua alma a Deus, piedosamente. Toda a Itália conhece hoje o «Fr. Cláudio» (nome que escolheu como religioso), o artista santo.

As suas relíquias e o seu túmulo são muito venerados pelos fiéis.

Depois destas linhas já se compreende bem o título: «Superamento da Arte». Fr. Cláudio levou a sua arte às alturas a que se tinha elevado com a sua alma naturalmente religiosa. E encontrou a inspiração mais pura do sublime.

"ELEJA O SEU ÍDOLO!"

Será BENTES o ídolo?...
O Benfica de novo «à cabeça»!!!



BENTES

É o êxito prosseguido. Pelo avolumar de votos verificamos que o público está realmente interessado em eleger o seu ídolo. Procedemos já à 2.ª eliminatória. Mais 25 nomes foram excluídos. Aos poucos vamos fazendo a selecção.

O Benfica, clube grande e prestigioso, que se viria ultrapassado pelo P. C. de Porto, volta agora a ocupar o posto de honra na classificação por clubes. Mas em contrapartida o seu representante mais votado (Francisco Ferreira) teve uma descaída que se pode considerar vertiginosa se entrarmos em consideração com a popularidade que disfruta. Entretanto os sportingistas não ficaram apáticos e elevaram o seu clube ao 3.º posto. Contudo o que maior sensação nos causou foi o mal-

to extraordinário de Bentes — o relâmpago da Académica! O pequeno extremo esquerdo internacional subiu do 12.º ao 1.º lugar! A falange dos estudantes está a ter, nesta eleição, um comportamento digno do maior aplauso. Ela quer que o ídolo seja um representante da brigada! E Bentes bem merece o carinho de que está a ser alvo!

Outra surpresa foi a escalada de Matateu — o moçambicano que chegou, viu e venceu! Graças às suas últimas exhibições o simpático belemnense insensado já pelo turbulento da popularidade, ultrapassou, «sem o menor respeito», nomes dourados e ricos de pergaminhos como os de Francisco Ferreira, Azevedo, Emídio Pinto e tantos outros. Bravo, Matateu!

Para terminar uma palavra de simpatia e incitamento à Ilha da Madeira que tem votado em massa no Marítimo e no seu nadador Vasco Abreu. E de tal maneira que o clube madeirense segue já «juntinho» aos consagrados...



ANTONIO ARAUJO

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

BENTES	1.362
Araújo	1.137
Manuel dos Santos	1.083
Travassos	987
Diamantino Vizeu	873
Jesus Correia	802
Matateu	803
Francisco Ferreira	800
Alves Barbosa	851
Águas	857
Azevedo	846
Emídio Pinto	825

CLUBES

BENFICA	1.353
Porto	1.321
Sporting	1.302
Académica	991
Belenenses	982
Marítimo do Funchal	974
Faço d'Arcos	823
Atlético	887
H. C. de Sintra	870
Saer 1	859
Alcáç e Dafundo	838
Cuf do Barreiro	722
Sporting da Covilhã	715
Caminhenses	713
Lisboa Ginásio	701



JESUS CORREIA

NOMES EM QUE PODEM VOTAR

NOMES EXCLUÍDOS NA SEGUNDA ELIMINATÓRIA

Nunes (Andebol)
Rui Maia (Atletismo)
Laura Magalhães (Automobilismo)
César (Basquete)
Rui Duarte (Basquete)
Romero (Basquete)
João Pereira (Hilhar)
Alabern (Hilhar)
Eduardo Nicolau (Ciclismo)
Jorge Oom (Esgrima)
Edgar Tamegão (Esqui)
Bastos (Futebol)
Artur Vaz (Futebol)
Garcia Alvarez (Ginástica)
Brito e Cunha (Golfe)
Sousa Lara (Golfe)
Trigo da Silva (Hóquei em Campo)
João Fresco (Motociclismo)
José Luis Silva (Pesos e al-teres)
Nosalino Azevedo (Raguebi)
Azevedo Gomes (Tênis)
Cardim (Tiro)
Moura Basto (Tiro)
Gentil Martins (Tiro)
Alvaro Durão (Vela)

ANDEBOL

José Manuel, Fábica, Chagas, Lancelmo, Montalvão, Hernani, Pires, Polleit e Pimentel Saralva.

ATLETISMO

Paqueta, Casimiro, Mateo Fernandes, Artur Dias, Branco, Alvaro Dias, Carlos Vieira, Eleuário, Georgette Duarte, e Rui Ramos.

AUTOMOBILISMO

Jorge Monte Real, Joaquim Filipe Nogueira, M. Nunes dos Santos, Casimiro de Oliveira, Clemente Meneses, José Cabral, Vasco Sameiro, Ernesto Martorell, D. Fernando Mascarenhas, Dr. João Lacerda, José Emídio da Silva e D. Maria da Paz d'Orey.

BASQUETE

Abílio Serafim, Nogueira Cardoso (P. ma), Serra e Moura, Morgado, Lenine e Silva e Costa.

BILHAR

Alfredo Ferraz, Rebelo e Ailhinho.

CICLISMO

Moreira de Sá, Luciano Sá, Onofre Tavares, Américo Roposo, José Trindade, Dias Santos, Fernando Moreira, João Rebelo, João Mourão, Império dos Santos, Alves Barbosa, Manuel Palmeira e Oscar de Sousa.

ESGRIMA

José Jorge Figueiredo, Henrique Silveira, Carlos Dias e Mourão.

FUTEBOL

Azevedo, Juca, Vasques, Travassos, Águas, Arsénio, Fernandes, Sérgio, Feliciano, Serafim, Pedrato, Ernesto, Ben David, Marinho, Vieira, Leitão, Gabriela, Duarte (Evora), Silva (Salgueiros), Ricardo Vais, Capela, Azeredo, Bentes, Patalino, A. José, Cesário, Eloi (Braga), Silva (Guimarães), Rebelo (Guimarães), Virgílio, Nelinho, Carvalho, Joaquim, Monteiro da Costa,

Barrigana, Fernando Caiado, Serafim Baptista, Passos, Canário, Grazina, Alfredo (Porto), Ataújo, Rebelo (Belenenses), Jesus Correia, Albano, Félix, F. Ferreira, Matos e Primo.

GINASTICA

Robalo Gouveia, Granger, Caldeira, Serra Cardoso.

GOLFE

Visconde Pereira Machado.

HIPISMO

Carvalho, Helder Martins, Correia Barreto, Henrique Calado.

HÓQUEI EM PATINS

Emídio, Rato, Cruzeiro, Correia dos Santos, Lisboa, Perdigão, Edgar, Velez, Príncipe da Cunha, Acúrcio, Cipriano, Manuel Soares e Figueiredo.

MOTOCICLISMO

Inocêncio Pinto, Albano Jacques, Jorge Paes Lobo e António Augusto Simões.

NATAÇÃO

Fernando Madeira, Patrón, Eduardo Barboite, Baptista Pereira e Vasco Abreu.

PATINAGEM

Edite Cruz, Maria Antónia Vasconcelos, Maria Virgínia Aguiar, Mário Sampaio e Maria Elvira Sousa Braga.

PINGUE-PONGUE

Oliveira Ramos, Manuel Carvalho, Carlos Felo e Francisco Campos.

REMO

Galitos, Caminhense, Naval da Figueira, Ass. Naval de Lisboa, Fluvial Portuense e Clube Naval de Lisboa.

RAGUEBI

Miramon, Coelano Nunes e Martins Vieira.

SALTOS AQUÁTICOS

Leodoro Patrício.

TAUROMAQUIA

Manuel dos Santos, Diamantino Vizeu, Simão da Veiga, João Nuncio, António dos Santos, Fernando Segarra, J. Marques, Francisco Mendes (Conceição), Valgredo, Dr. Fernando Salgueiro, Rosa Rodrigues e D. Francisco Mascarenhas, Manuel Canide, Murteira Correia e Diamantino Tomás.

TÊNIS

José Roquete, Fernando Matos, Eduard Ricardo, David Cohen e Maria José Silva Araújo.

TIRO

Luís Haywarth e Jorge de Melo.

VELA

Tito, Graça, Duarte, Fernando Belo, Rolando Oliveira, Santos Silva, Fluzza, Mendonça, Capucho, Joaquim Simão e José Crespo.

VOLEIBOL

Nuno Barros, Freitas, Petas Vital, Jaime Duarte, Mário Lemos, Aníbal Rebelo, João Paes, Alvaro Mendes, André Mendes e Alberto Rebelo.

XADREZ

João Mário Ribeiro, João de Moura, Joaquim Durão.

Maria Elvira Sousa Braga foi homenageada

No êrinks do Jardim Zoológico, no passado dia 6, um grupo de amigos homenageou a gentil patinadora Maria Elvira Sousa Braga, recentemente eleita «Rainha do Patim — 1951».

Colaboraram Xavier de Araújo, Maria Natália Azevedo, Maria Helena Sampaio Viveiros, Maria Eduarda Ferradeira, Cidália Ruas da Ponte e Mário Sampaio.

Realizaram-se corridas de velocidade em patins, e um desafio entre o Grupo de Amigos do Jardim e o Hóquei Clube de Portugal, arbitrado por Américo Rombert. Todo o grandioso festival foi coroado por apoteótico desfile de consagração à homenageada.

A «Flama», representada pelo seu redactor Neves de Sousa, foi distinguida pela numerosa assistência que emoldurava o encantador recinto.

CONCURSO "ELEJA O SEU ÍDOLO"

VOTO EM

CLUBE PREFERIDO

NOME DO CONCORRENTE

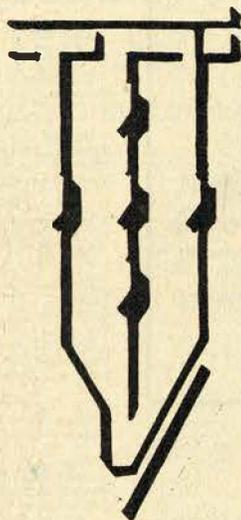
MORADA

REMETA ESTE CUPÃO PARA A "FLAMA" RUA DE SANTA MARTA, 48
ENDEREÇADO AO CONCURSO "ELEJA O SEU ÍDOLO"

Empresa de Sondagens e Fundações

TEIXEIRA DUARTE, Limitada

Captações
de água
subterrânea



Fundações
de todos
os géneros

UM QUARTO DE SÉCULO DE ESPECIALIZAÇÃO TÉCNICA
RUA DA BETESGA, 57 — LISBOA

OURIVESARIA ALIANÇA

A MAIOR DA PENINSULA

Especialidade em trabalhos artísticos para a Igreja

CELESTINO DA MOTA MESQUITA

191 a 199 — Rua das Flores 201 a 211 — Porto — PORTUGAL — Tel. 22541

A que mais barato vende — A que mais caro compra — OURO — PRATAS

— JOIAS — RELÓGIOS

GRANDE FÁBRICA DE ARTIGOS DE OURO, PRATAS CINZELADAS,
JOIAS, FILIGRANAS, BRONZES DE ARTE, ETC.

ENVIA CATALOGOS E ORÇAMENTO

FILIAL EM LISBOA: R. GARRETT (Chiado), 50 — Telef. 23419

AGÊNCIA MAGNO

Fundada em 1874

Tel. 4 3180-4 3189-5 5301-6 2772

Caseais 22

SEDE: R. S. MARTA, 52-A. 56

LISBOA

UNIAO GRÁFICA

S. A. R. L.

TIPOGRAFIA / LITRARIA / OBJECTOS RELIGIOSOS

Sede Escritórios: Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA



Trovesa das Mercês, 48 s/l
(à rua do Século) • Telef. 26559



Se não quer perder o tempo e o dinheiro, use sempre e só PELÍCULA KODAK VERICHROME e conseguirá negativos mais brilhantes, mais cheios de vida, mais detalhados. — Para obter ainda melhores fotografias

Kodak

•VERICHROME•

KODAK R. GARRETT, 33 — LISBOA

EM TODOS OS REVENDEDORES "KODAK"

Cozinha mais fácil



A Mensagem DE FÁTIMA na pintura PORTUGUESA

"ORAÇÃO"



Pormenor das Tábuas — de Nuno Gonçalves



Fátima — de Martins Barata



Nossa Senhora de Fátima — de Henrique Medina

"PENITÊNCIA"



As promessas — de José Malhó

...ão a transformar os homens em artistas imortais na História.

A Mensagem de Fátima não é deste momento, ela revelou-se para os pintores portugueses — na imenidade dos séculos — a Mensagem eterna, da Beleza Incruiada.

ARTUR SANTA
BARBARA

«Meio-dia» — de Elisa Bermudes Felismino

"MODÉSTIA"

DESDE os alvares da Pintura portuguesa a Mensagem de Fátima acompanha os pintores da nossa terra. Em todas as épocas — do século XV ao século XX — a Mensagem eterna ilumina o espírito dos nossos artistas plásticos e sob a sua protecção têm revivido em todos os estilos as mais extraordinárias obras primas da pintura.

Seria de grande projecção apostólica a realização de uma grande exposição de belas-

artes sobre os motivos da Mensagem de Fátima: ORAÇÃO — PENITÊNCIA — MODÉSTIA.

Enquanto essa gradiosa manifestação de arte e de apostolado não se concebe, a *Flama* publica nesta página 5 reproduções de obras mestras de pintores portugueses consagrados, numa síntese da incomparável manifestação que se adivinha grandiosa.

Nunca foi, nem será jamais, a matéria a criar obras de génio; tem sido e será o di-



a mulher e FÁTIMA



Holocausto à Senhora, das joias das Mulheres Portuguesas

NO momento extraordinário que atrai à Cova da Iria milhares de almas, irmanadas numa fé viva e ardente, não podemos esquecer a presença da mulher em Fátima, no local que a Virgem pisou.

Foi Lúcia, mulher, a quem a Senhora falou.

É ela o veículo da mensagem de Fátima, mensagem da paz, do amor.

É a mulher, desde a mais humilde à mais alta figura de representação social, ali tem ajoelhado a orar, a pedir e suplicar.

Ela vai ali arrastada pela fé, animada pela esperança, e não só cuida de si, mas presta auxílio aos doentes e necessitados. Essas almas cheias de generosidade — as Servitas — estão sempre prontas a socorrer os que reclamam o seu carinho, os seus cuidados.

É a repariga, numa manifestação de amor, leva à Cova da Iria uma multidão de reparigas.

É a mulher não desanima, não arrefece e movida por inspiração do Céu abre caminhos, despreza dificuldades, afasta temores e arranca a Imagem piedosa com o roteiro de Lisboa, caminhada fervorosa e de manifestações espontâneas e apoteóticas. Lisboa recebe-a e tributa-lhe homenagem digna e comovente: há lágrimas sentidas pelas faces, há arrependimentos e promessas.

Ocorre às mulheres de Portugal oferecer à Virgem de Fátima uma coroa — coroá-la Rainha do Mundo inteiro.

É, em gesto de ternura e gratidão, despojando-se de suas joias mais estimadas em preito à Senhora do Céu e da Terra.

Ofende-se gravemente a Mãe de Deus e a mulher levanta-se ferida no seu orgulho, em atitude de desfeza e luta.

— Quem se atreveu a difamar a 'Bendita entre as mulheres?

— Foram portuguesas renegadas.

— Calem-se vozes infames que a Virgem é nossa, é mulher, Mãe e Rainha!

Todas se levantam e vão depor aos pés da Senhora a sua humilde vassalagem, proclamando bem alto o nome de Maria.

É ainda a mulher na pessoa de D. Maria Teresa Pereira da Cunha que lança a ideia genial da peregrinação pelo Mundo; não olha a dificuldades, transpõe barreiras, convence e entusiasma e a Virgem parte entre lágrimas e azenos.

Acontecimentos maravilhosos se produzem, conversações estrondosas se operam.

É a Peregrina caminha, caminha sempre, espalhando luz nas almas, deixando graças em abundância, visitando pobres e ricos, favorecendo poderosos e humildes, consola e sara — curas do espírito, curas do corpo.

É a mulher que a Senhora entrega a honra de dar cumprimento à mensagem do Céu.

A mulher não falta, aparece sempre onde a sua presença se faz sentir.

Lije mais do que nunca ela deve estar pronta e gritar bem alto:

Presente! Presente por Deus, pela Pátria, pela Família!

LEONOR DE MELO



Veio a Fátima a Irmã do Romano Pontífice — Marquesa Isabel Pacelli



Em fileiras simbolicamente cerradas, as Mulheres espanholas agradecem à Virgem o resgate da sua Pátria.



Preciosa fotografia histórica — Setembro de 1917. A mulher ouviu logo a voz de Fátima.



Todas irmanadas no amor da Senhora



— Os meus filhos são vossos, Mãe de Deus!



da MULHER

da sua educação
e do mais que se disser

DECORAÇÃO DO LAR



A decoração dum quarto comprido e estreito é sempre difícil de conseguir. O arranjo que apresentamos foi adaptado a vários fins: quarto de estar, de cama e escritório. Toda a parede da esquerda é guarnecida com prateleiras e gavetas que farão a secretária, conjuntamente com a aba que se baixa, sempre que se torne necessário. Mantendo-se fechada torna a sala mais espaçosa.

As paredes são levemente amareladas. O tecto com riscas onduladas amarelas e cinzentas claras (esta ideia um tanto futurista!). O chão é coberto com tecido liso e cinzento e as almofadas do escôto de vários tons de amarelo e cinzento.

★★★★★★★★★★

Densamentos

Toda a extravagância encontra um crítico de arte que a qualifica de sublime.

J. BRETON

Grande desgraça é não ter bastante espírito para julgar, nem bastante juízo para estar calado.

Eis o princípio de toda a impertinência.

LA BRUYÈRE

INQUÉRITO

— Que pensa da mentalidade de hoje?

— Muito fútil, muito oca, muito egoísta. A camada nova, na sua maioria só pensa em divertir-se, gozar o mais possível e incomodar-se o menos possível. Assim, furta-se ao trabalho, por todos os processos: se estuda, procura explicador para que este lhe meta na cabeça a ciência, com o mínimo esforço; se trabalha faz tudo pela lei mais simples; se é necessário a sua presença para a cabeceira dum doente, desculpa-se porque é fraca e não pode perder noites (mas não falta nos casinos e nas reuniões), se se reclamam os seus enidades para uma criança, não tem tempo e falta-lhe a paciência (mas as visitas às casas de chá, modistas e cinemas não esquecem).

— Pois sim, mas há raparigas e rapazes às direitas dispostos a sacrifícios e abnegações.

— Isso é verdade. Mas torna-se necessário que esses exemplos se multipliquem para estímulo e padrão de outros que desconhecem a lei do amor de Deus e amor do próximo. A vida não é, como se julga, um tempo de gozo com a satisfação de todos os desejos e apetites (que isso fazem os animais), mas uma passagem para a vida eterna.

— Não quero crer que seja preciso passar o tempo a rezar, de olhos em alto!

— Claro, o que é necessário é que cada um cumpra a seu dever dentro da vida que escolheu. O trabalho é oração, sendo feito com os olhos em Deus.

★

Receitas para as donas de casa

Lagosta à espanhola

Lagosta 1 — Azeite 1 decilitro — Cebola 1 — Presunto entremeadado 125 gr. — Manteiga e Queijo ralado q. b. — Leite 4 decilitros — Vinho da Madeira 1 cálice — Farinha triga 1 colher de sopa — Gemas 2 — Tomate 125 gr. — Sal e pimenta q. b.

Coze-se e prepara-se uma boa lagosta. Faz-se um refogado com a cebola e o azeite que devê ser muito fino. Antes de a cebola alourar, deita-se no estrugido uma fatia de pão molhada em vinagre, mexe-se bem e tira-se logo. Esta operação tem por fim tirar o gosto do azeite.

Ainda sem a cebola ter alourado, deita-se no estrugido o tomate, partido aos bocadinhos, a carne da cabeça da lagosta, as ovas e os corais. Põe-se tudo a ferver. Quando este molho tenha engrossado, junta-se-lhe o leite e deixa-se ferver um bocadinho, mexendo sempre com uma colher de pau. Quando tiver engrossado, passa-se pelo passador.

Deita-se então numa cagarela uma colher de manteiga e duas de água e deixa-se levantar fervura.

Fátima é luz que ilumina

Fátima é luz que ilumina o mundo inteiro.

A Cova da Iria chegam cantando e rezando milhares de peregrinos de todas as raças, idades e condições e aí se prostram de joelhos, em atitude magnífica de fé.

Foi milagre que atravessou fronteiras, tocou corações, transformou vidas, reconduziu transviados ao bom caminho.

Fátima é lugar de penitência e oração.

Fátima é caminho para Deus.

Fátima é local abençoado que faz derramar lágrimas de arrependimento e comção.

Fátima tem o condão divino de curar almas, salvar corpos.

Ali os doentes acorrem presos à misteriosa atracção que emana da terra que a Virgem pisou. Se não alcançam a cura de seus males, trazem força, coragem e conforto para os dias de tristeza e desânimo.

Todos ali vão buscar cura para o corpo, cura para a alma e todos caem por terra, tocados pela graça divina e em manifestação esplêndida de fé e amor confessam seus pecados, fazem suas promessas. Joelhos a sangrar, corações a rezar e olhos lacrimosos pedem, suplicam e arrancam do céu, se Deus o permite, graças para si, para os seus, para o mundo.

Senhor, fazei que eu veja.

Senhor, fazei que eu ande.

Senhora, dai-nos a paz.

Senhora, salvai-nos e salvai Portugal.

MARIA DE CASTRO

CONSELHOS ÚTEIS

★ Se vai fazer uma visita de pêsames não a prolongue demasiadamente. Estas visitas são sempre breves e os assuntos devem ser leves, sem contudo caírem no humorismo.

★ Se é convidado para almoçar ou jantar não chegue atrasado. Saiba a hora da refeição e apresente-se com vinte minutos de antecedência.

★ Se tem um convite para casa de crianças não se esqueça de lhes levar uma lembrança adequada.

★ Se foi convidado para passar uns dias em casa de família amiga, não deixe de levar um presente à dona da casa. Embora ela não precise, ficará enternecida com a gentileza.

Em seguida deita-se uma colher de farinha, mexendo bem para não fazer grumos. Deita-se-lhe todo o molho que saiu do passador, tempera-se de sal, condimenta-se com pimenta e deixa-se ferver até fícar tudo num creme grosso.

Junta-se-lhe o presunto passado pela máquina, toda a carne da lagosta partida em bocadinhos, queijo ralado, o vinho da Madeira e as gemas. Mexe-se tudo muito bem e põe-se em pratinhos Pirex com um pouquinho de manteiga por cima; vão ao forno a tostar.

Arroz de Ervilhas

Arroz 1 tigela — Ervilhas 1 quilo — Cebola 1 — Toucinho 60 gr. — Azeite 1 decilitro — Presunto entremeadado 50 gr. — Água 4 tigelas — Sal q. b. Faz-se um refogado com o azeite, toucinho e cebola. Corta-se o presunto aos bocadinhos e junta-se ao refogado. Quando tudo estiver bem guizado, acrescenta-se com um pouco de água para cozer as ervilhas (temperando de sal), que levam apenas meia fervura. Em seguida deita-se a água necessária para cozer o arroz que se faz pelo processo do arroz do lume.

Pelo mesmo processo se prepara arroz de favas e feijão verde.

de BLANDIMAR



Aníbal Contreiras, o argumentista Vicente Escrivá e Rafael Gil ficaram assim neste instante



Um momento da entrevista com Rafael Gil, focado pela objectiva do nosso Vitor



Vicente Escrivá fala para o redactor da «Flama»

O CINEMA CATÓLICO BEM ORIENTADO PODE SER, TAMBÉM, UM ESPLÊNDIDO NEGÓCIO

DECLARAÇÕES DE VICENTE ESCRIVÁ DIRIGENTE DA ÚNICA ORGANIZAÇÃO CATÓLICA DO CINEMA EXISTENTE NO MUNDO

Aproveitando a passagem por Lisboa do notável argumentista espanhol Vicente Escrivá, a «Flama» não quis deixar de lhe fazer uma rápida entrevista para arquivar nas suas colunas, tanto mais que Escrivá é o dirigente da única organização católica de cinema existente no mundo.

Com o à-vontade próprio duma personalidade de envergadura intelectual, como, ele é, o nosso interlocutor começa por afirmar, quando lhe dissemos da intenção que nos levou a falar-lhe:

— Quando tentei erguer, em Espanha, uma organização cinematográfica que se dedicasse exclusivamente à produção de películas católicas, nunca pensei que o êxito se verificasse, por já ter visto o fracasso de filmes desse género. Deitou-se a semente à terra com a realização de «A Seara é Grande» e foi essa a primeira experiência, do êxito ou fracasso da qual dependia a iniciativa a que, mais tarde, metemos ombros.

— Claro que da experiência dependeu o êxito?...

— Sim, graças a Deus que a nossa intenção foi absolutamente compreendida e acarinhada por todos, nascendo, deste modo, a «Aspas Filmes» da qual eu sou o dirigente.

Vicente Escrivá prossegue:

— A «Aspas Filmes» é hoje a única organização produtora de cinema católico que existe no mundo, que se encontre oficializada; que tem o apoio e patrocínio do Vaticano e que conta com o nome de Monsenhor Angel Sagaminaga como dirigente eclesiástico.

— E que me diz da actividade da «Aspas Filmes»?

— O primeiro filme que produzimos e, na actualidade, o maior sucesso do cinema espanhol, denomina-se «Balaras» e está indigitado para representar a Espanha em festivais internacionais. Como a nossa existência é recente, o segundo filme produzido é «Senhora de Fátima» e o terceiro será «De Madrid ao Céu». Para você avaliar o custo destes filmes, que ficam sempre mais caros do que quaisquer outros, eu digo-lhe que só com «Senhora de Fátima» gastámos mais de oito milhões de pesetas.

A terminar, o nosso entrevistado declara:

— O cinema católico quando bem orientado pode ser um esplêndido negócio. Aliando a realização à Arte e ao espectáculo, o filme tem êxito seguro.

Falou-se depois do intercâmbio cinematográfico entre Portugal e a Espanha, o grande desejo dos espanhóis.

O CINEMA ESPANHOL ENCONTRA-SE NUMA FASE DE DESENVOLVIMENTO BASTANTE GRANDE

— DIZ À «FLAMA» RAFAEL GIL,
REALIZADOR DOS MAIS NOTÁVEIS

— 5507? O Sr. Aníbal Contreiras está?

— Faz favor, diz-me quem fala?

— «Flama»!

— Sim, Rafael Gil, encontra-se precisamente aqui, chegado há poucas horas de Espanha...

Foi a resposta de Aníbal Contreiras, quando lhe perguntámos o que havia acerca da chegada de Rafael Gil que sabíamos estar marcada para aquele dia.

Depois foi tudo uma questão de tempo. Na Avenida um táxi transporta-nos ao escritório daquele produtor cinematográfico e, em breve, entre dois cigarros, jornalista e entrevistado conversavam animadamente.

— A minha presença em Lisboa — começa por nos esclarecer o realizador de «Rainha Santa» — deve-se ao facto de ter alguns trabalhos de exterior para filmar em Fátima. Com o operador Manuel Luis Vieira segurei para esse local amanhã.

Sem querer, sai-nos uma pergunta que não pretendíamos, por muito banal. Gil responde:

— Se goste de Lisboa? É uma cidade encantadora! Devo dizer-lhe que a vossa cidade, para mim, não tem segredos. Já a conheço bem.

Mudando imediatamente de assunto entrámos no campo que mais ligado está à intenção desta entrevista.

— O cinema espanhol encontra-se numa fase de desenvolvimento bastante grande. Estão constantemente a aparecer novos artistas novos realizadores e outros técnicos. Bem sei que em Madrid existe uma Escola onde se estuda a Arte das Imagens, mas esse centro de aprendizagem de nada serviria se, da parte de grande número dos seus frequentadores, não houvesse uma vontade firme de vencer. Graças a Deus, essa vontade existe! As últimas películas produzidas em Espanha — continua o nosso entrevistado — são uma afirmação convincente do progresso da indústria. Nos estúdios trabalha-se todos os dias em mais do que uma produção e você, em Espanha, não encontra um único profissional de cinema sem emprego.

— Fale-nos, por favor, dos portugueses que desenvolvem a sua actividade artística nos vossos estúdios.

— Todos excepcionais! Começando por António Vilar, passando por Virgílio Teixeira, Teresa Casal, Isabel de Castro e acabando nessa jovem Maria Dulce que se pode considerar uma actriz na verdadeira acepção do termo, todos têm o seu lugar de destaque no meio cinematográfico de Espanha.

O colóquio prossegue:

— As suas impressões do cinema português?

— Não tenho uma opinião formada porque quase não vi filmes vossos. No entanto sei do valor de Leitão de Barros e de actores como Raúl de Carvalho, Barreto Poçira, etc.